

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública**

**P r o g r a m a m e s t r e s d a o b r a
Arte, saúde e desenvolvimento humano na
construção civil**

Daniel Manchado Cywinski

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Saúde Pública para obtenção do
título de Mestre em Saúde Pública.**

**Área de concentração: Serviços de
Saúde Pública
Orientador: Profa. Doutora Maria
Cecília Focesi Pelicioni**

**São Paulo
2008**

**PARA OS TRABALHADORES
DA CONSTRUÇÃO CIVIL DA GRANDE
SÃO PAULO.**

**GENTE DE TODOS OS CANTOS,
DE TODAS AS FALAS E CRENÇAS,
GENTE QUE ACORDA CEDO,
TRABALHA PESADO E
COM SUA IMENSA FORÇA,
MODIFICA A PAISAGEM E
CONSTRÓI OS LUGARES NOS QUAIS
(NÓS) VIVEMOS.**

**POR AMBIENTES DE TRABALHO MAIS
SAUDÁVEIS,
POR TRABALHADORES COM MAIS
QUALIDADE DE VIDA,
POR UMA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO
CIVIL SOCIALMENTE MAIS JUSTA.**

***“O COMPROMISSO POLÍTICO DA
EDUCAÇÃO ESTÁ RELACIONADO À
POSSIBILIDADE UTÓPICA DE
CONSTRUIR UMA SOCIEDADE
SUSTENTÁVEL BASEADA NA JUSTIÇA,
DIGNIDADE, SOLIDARIEDADE,
CIVILIDADE, ÉTICA E CIDADANIA.”***

(MARCOS REIGOTA)

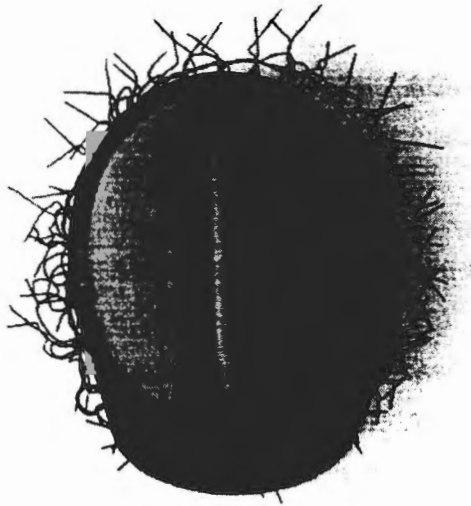
***“AS UTOPIAS SÃO NECESSÁRIAS.
NINGUÉM VIVE SEM ELAS. E ENTRE AS
UTOPIAS ESTÃO A DA JUSTIÇA SOCIAL E
DA QUALIDADE AMBIENTAL.”***

(JOSÉ DE ÁVILA COIMBRA)

*“Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego.”*

LETRA DA MÚSICA CONSTRUÇÃO.

(CHICO BUARQUE)



**As pálpebras ainda estão muito pesadas,
o despertar como sempre é lento.**

**Na bolsa, a marmita já pronta é guardada
e o caminho para o ponto ainda é sonolento.**

**Entre os solavancos não tem tempo de sonhar.
Cinco horas e quarenta minutos, o Sol nasce, segue o trem.**

**Enfim toma café, bate o cartão, é hora de trabalhar.
O suor escorre pelo rosto nas árduas horas que seguem.
A rotina continua, o almoço passou.**

**Sua tarefa esta quase que terminada.
Acinzentada, a tarde acaba e o cansaço o pegou, mas tem pela
frente, na volta, mais uma longa caminhada.**

**Ao ver os filhos dormindo sente alegria e agradece a Deus, por
terminar mais um dia.**

Obra e poema "Dia a dia".

Autor: Antonio Hermino

AGRADECIMENTOS:

- A Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, pela oportunidade da pesquisa.
- As construtoras que possibilitaram este estudo.
- Ao parceiro arquiteto Arthur Zobaran Pugliese, pela fé neste projeto e pela compreensão das ausências ocasionadas por esta pesquisa.
- A minha esposa Adriana, pela enorme paciência.
- Ao meu filho Francisco, por de alguma forma, entender que o pai precisava trocar as brincadeiras no quintal pelo computador.
- Ao meu irmão André, pela produção dos vídeos documentários e por todo apoio desde o início do Mestres da Obra.
- A minha orientadora Professora Doutora Maria Cecília Focesi Pelicioni, por sua imensa dedicação, competência e compreensão de minhas dificuldades em estar pesquisador.
- Aos professores Marcos Reigota, Aracy Spinola, Arlindo Philippi JR, e Renata por aceitarem compor esta banca.
- A Ângela Pugliese, a Vera Pasqualin, ao Francisco de Assis Esmeraldo, ao Gabriel Boieiras, ao Fernando Genaro, ao Caio, ao Dimas, a Marina, a Kika, ao Beto Rades, ao Marcelo Americano, ao Adriano, a Sandra Taiar, a Gisele e a tantas outras pessoas que estão ou estiveram comigo nestes anos de trabalho.
- Ao Daniel Setin pela parceria e mais que tudo, pela confiança.
- Em especial ao Professor Marcos Reigota pelas palavras de apoio.
- A meu pai e mãe por toda a vida.
- A Deus, por me permitir corpo e mente saudáveis.

Obrigado a todos.

A José Francisco Ferraz Ribeiro de Figueiredo, um grande e eterno
incentivador, um abraço com saudades.

RESUMO

Introdução: O presente trabalho relata pesquisa qualitativa realizada sobre o Programa Mestres da Obra que desde 1999 implementa atividades culturais em canteiros de obras da construção civil. O público alvo dessas atividades são os trabalhadores dos canteiros em que atua. O Programa Mestres da Obra, tem como objetivo, a criação de ambientes de trabalho mais saudáveis e a melhora da qualidade de vida dos trabalhadores. Como atividade central implanta ateliês de arte dentro destes canteiros de obras e utiliza como matéria prima os diversos resíduos gerados no próprio canteiro de obras. As ferramentas bem como os materiais aproveitados para as atividades nos ateliês são os mesmos utilizados na obra civil, a criação final por sua vez não vem determinada, é fruto da imaginação de cada um. O trabalho na construção civil é extremamente desgastante e perigoso. Baixos salários, altos índices de acidentes, desgaste físico excessivo, relações de trabalho desqualificadas, criam ambientes de baixo desenvolvimento humano. O Programa Mestres da obra atua na criação de condições para o desenvolvimento de um ambiente de trabalho mais saudável, busca a formação de uma realidade de valorização humana, possibilita a construção de conhecimentos e fortalece assim a auto-estima desses trabalhadores. **Método de estudo:** Utilizou-se a técnica de História de Vida com coleta de dados realizada por meio de entrevistas que ocorreram em um dos Ateliês Escola, implantado no ano de 2007.

As observações do pesquisador estiveram focadas, na rotina de aula daquele grupo de trabalhadores inscritos no curso.

Conclusão: É importante o desenvolvimento de práticas de educação, e de ações para a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida nos ambientes de trabalho da indústria da construção civil.

Descritores: promoção da saúde, qualidade de vida, construção civil, socialização, aprendizagem, canteiro de obras; trabalhadores.

ABSTRACT

Introduction: The present work is about a qualitative research about the “ Mestres da Obra” Program which since 1999 implements cultural activities on civil construction’s seedbeds of workmanships. The target public of this activity are the workmen from the seedbeds in which the Program acts.

The main objective are the creation of a healthier workplace environment and health quality improvement for the workmen.

As principal activity, implements art atelier on the seedbed and it utilizes as substance cousin residues generated on the seedbed itself.

The tools as well as the material used for the activities on the ateliers are the same utilized on the civil construction, the final creation is not determined, it comes from the individuals imagination. The work on the civil construction is extremely dangerous and exhausting. Low salaries, high accident risks, great physical damage, unqualified work relationships, generate a low development environment.

Mestres da Obra acts on the creation of conditions for a better and healthier workplace, looks for the formation of a human appreciation reality, it makes knowledge building possible and fortifies those individual self-esteem.

Methods: Collection of the life history was utilized by interviews from a School Atelier, implemented on the year 2007.

The observation were focused on the classes and work routine of the group and also in relationship established by the Program with the other civil construction professionals.

Conclusion: It is of great importance the development of educational practices and health promotion actions as well as life quality improvement on the civil construction workplace environment.

Descriptors: Health promotion, life quality, civil construction; seedbeds workmanship, workers.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	14
1.1 MESTRES DA OBRA, UMA IDÉIA	15
2. INTRODUÇÃO	17
2.1 CONTEXTO SOCIOECONÔMICO MUNDIAL E A RELAÇÃO COM O TRABALHO	18
2.2 O BRASIL NA NOVA ORDEM CAPITALISTA E NA TRANSIÇÃO AO SÉCULO XXI	22
3. O UNIVERSO DA PESQUISA: PANORAMA SOCIAL DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE DO TRABALHADOR	28
3.1 INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL	29
3.2 ACIDENTE, REALIDADE DE UM COTIDIANO	32
3.3 SUB EMPREGO	36
3.4 A EXPLOSÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA (2004-2008)	38
4. UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A ARTE	44
5. MESTRES DA OBRA, ATELIÊS DE ARTE NOS CANTEIROS DE OBRAS	47
5.1 O CONCEITO	48
5.2 OBJETIVO DO PROGRAMA MESTRES DA OBRA	48
5.3 A PRÁTICA	49
5.4 CONCEITO DE EDUCAÇÃO	50
5.5 ALGO NOVO NO LOCAL E NO COTIDIANO DE TRABALHO	52

5.6 ARTE, SAÚDE E DESENVOLVIMENTO HUMANO	58
5.7 EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO CIVIL	61
5.8 CONSEQUÊNCIA DE UM PROCESSO EDUCATIVO GERADOR DE ARTE	63
6. METODOLOGIA DE PESQUISA	66
7. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	70
8. REFLEXÕES A PARTIR DOS DEPOIMENTOS	78
8.1 A MIGRAÇÃO	79
8.2 MIGRAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL	80
8.3 O TRABALHADOR	84
8.4 O ACIDENTE	88
8.5 O CIDADÃO	95
8.6 A EDUCAÇÃO, A CULTURA E O LAZER	98
8.7 REFLEXÃO FINAL	101
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
9.1 MESTRES DA OBRA, UMA PRÁTICA “EM CONSTRUÇÃO”.	120
10.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

ANEXOS

APRESENTAÇÃO

1.1. MESTRES DA OBRA, UMA IDÉIA

A experiência do arquiteto e urbanista Arthur Zobaran Pugliese somou-se à do autor do presente trabalho, administrador de empresas especializado em Educação Ambiental pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Tiveram a idéia de, por meio de um processo de educação em canteiros de obras, realizar com os operários a transformação dos resíduos de construção em obras de arte. Surgiu então como idéia, em janeiro de 1999, o **Projeto Mestres da obra**.

O projeto piloto, depois de dois anos de resistência por parte de empresários do setor, foi implantado em 2001 com o mínimo de apoio, em um canteiro de obras da cidade de Mauá (Grande ABC paulista). Participaram desta fase três trabalhadores, dentro do horário de trabalho, meia hora por semana. Na prática, essa meia hora se tornou duas, pois os operários permaneciam nas atividades, espontaneamente, após o expediente.

Na experiência, os três trabalhadores tomaram contato com alguns conceitos de arte e design e mais do que tudo, experimentaram a prática da “transformação do olhar” sobre os materiais e o meio, que mais tarde se constituiria em um dos elementos educacionais fundamentais do Mestres da Obra, **a transformação do olhar**.

Durante seis meses no horário oferecido pela Construtora, e no tempo dedicado pelos operários, foram produzidas peças de arte das mais diferentes linguagens. Esculturas, painéis e luminárias nasciam das mãos daqueles trabalhadores, que no caso, exercitavam a subjetividade até então, pouco estimulada no ambiente de trabalho. O resultado não podia ter sido melhor. As peças foram selecionadas para um importante salão de arte da região do Grande ABC, o Salão de Arte Contemporânea Espaço Henfil de Cultura e a partir do resultado positivo do Projeto Piloto, documentado em primeira página pelo

principal jornal da região, o Diário do Grande ABC, a iniciativa ganhou visibilidade e apoios, conseguindo com isso avançar.

De 2001 até o momento, foram implantados mais de quinze espaços de atividades, denominados Ateliês Mestres da Obra, em canteiros de obras da Grande São Paulo, com um número aproximado de 1000 operários formados e com a composição de um acervo de mais de 250 peças de arte e design, que já estiveram presentes em exposições nacionais e internacionais, dentro e fora do Brasil.

O Projeto em 2005 diversificou e ampliou suas atividades, realizou oficinas de música, de teatro de fotografia e visitas monitoradas a museus e exposições. Ocupou-se desde então, cada vez mais, com o canteiro de obras como um todo, provocou reflexões e até intervenções nas áreas de convivência, como vestiários e refeitórios, e por isso passou a ser denominado de **Programa Mestres da Obra**.

No ano de 2007 teve início estruturação de uma instituição jurídica sem fins lucrativos, denominada Associação Mestres da Obra, que se forma atenta à possibilidade de articulação de parcerias institucionais e financeiras variadas do setor da construção civil e de organizações nacionais e internacionais ligadas a questão do trabalho. Tais parcerias não poderiam ser realizadas antes na forma jurídica de empresa, e devem dar condições para a ampliação, para o fortalecimento e para a qualificação das atividades do Mestres da Obra.

A Associação Mestres da Obra se concretizou como entidade em março de 2008, com sede no município de São Paulo.

A presente pesquisa é um estudo qualitativo realizado sobre o Programa Mestres da Obra e pretende com seus resultados, ser referência para projetos de desenvolvimento humano na Indústria da Construção Civil.

INTRODUÇÃO

2.1. CONTEXTO SOCIOECONÔMICO MUNDIAL E A RELAÇÃO COM O TRABALHO

Desde meados da década de 1970, a economia mundial vêm passando por profundas transformações com sérias conseqüências no mundo do trabalho e nas condições de vida e de emprego dos trabalhadores.

Pobreza, desemprego em massa e instabilidade reapareceram no contexto mundial, não só nos países emergentes ou de capitalismo periférico mas também nos países considerados desenvolvidos, nos quais, a partir da década de 1990 ocorreu um aumento brutal dos índices de pobreza e foi se constituindo uma sociedade composta de um lado por trabalhadores empregados e de outro por aqueles, em número cada vez mais crescente, de desempregados e subempregados.

A crença de que haveria gradativamente uma diminuição da pobreza em função da incorporação da população no processo produtivo do crescimento econômico sustentado, somente começou a ser abalada na década de 1980, com a queda, na Europa, de um contexto social, econômico e político chamado "socialismo real", tendo como marcos históricos a queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da União das Repúblicas Socialistas, em 1991 (WALLERSTEIN, 2001).

Nos países de capitalismo periférico, essas condições provocaram desigualdades sociais abissais que estão no cerne da violência urbana contemporânea, não só a civil mas também a institucional.

A recessão e o desemprego haviam chegado à Europa e aos EUA, porém, ainda assim, a compreensão por parte dos países capitalistas era de que se tratava de uma crise do capitalismo, uma situação temporária das "economias de mercado" e, embora houvesse

também uma retração do emprego, isso seria passageiro, assim como antes havia ocorrido, na crise de 1930.

No entanto, a situação era outra. A recessão econômica que se vivia no mundo na década de 1980, instalou um ritmo mais lento no crescimento do capitalismo, exceto em alguns países de capitalismo mais recente como do Extremo Oriente, Coreia do Sul, China e Taiwan tiveram suas explosões de desenvolvimento. Porém, o crescimento constatado nesses países, que já indicava um deslocamento do centro de produção capitalista para a Ásia, não ocorria em outras regiões do globo.

Nas regiões mais pobres e de capitalismo periférico, como África, Ásia Ocidental e também América Latina, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita deixou de crescer e a população viu acentuarem-se os seus níveis de pobreza. Na década de 1980, na América Latina, o PIB não só deixou de crescer, como também diminuiu em relação às décadas anteriores.

O índice foi de 2%, muito abaixo dos 5% ocorridos nas décadas de 1960 e 1970.

O fenômeno da recessão se repetia no contexto mais amplo da Europa, onde reapareceu depois de décadas de ausência, ou como dizem alguns autores “após os trinta gloriosos anos” o desemprego em massa, a pobreza e a instabilidade social (COUTINHO, 1992).

Segundo Coutinho (1992), uma saída foi preparada pela afinação do sistema capitalista, a reestruturação produtiva misturada à globalização, com o deslocamento progressivo do centro de produção dos EUA e Europa para a Ásia.

Wallerstein (2001), considera que esses deslocamentos que o capitalismo faz de seus centros de produção, não são novos e, historicamente ocorrem nos momentos de crises do capitalismo que ele enfrenta buscando novos centros de produção e comercialização.

Se esses deslocamentos do capitalismo não são novos em sua história, algumas das características do movimento atual o são.

Acrescidas aos aspectos anteriores, a diversidade e insegurança das condições de trabalho e o retrocesso dos sistemas de seguridade social e da rede social pública de apoio, fragilizaram a identidade de classe dos trabalhadores e comprometeram de maneira irreversível seu processo de organização e de luta política, diminuindo hoje a força dos trabalhadores como atores coletivos no processo de construção e de universalização de direitos sociais.

Os tempos agora são outros, não só porque mudaram as condições de trabalho e, nas atuais, o pleno emprego não mais existe, mas também porque as condições políticas e o peso da classe trabalhadora para provocar mudanças sociais foi alterado.

Segundo Rosanvallon (1998), utilizando o termo Estado Providência como sinônimo para Estado de Bem Estar, a crise decorreria do fato de que aquela forma de Estado e sua estrutura haviam sido definidas para um outro momento do capitalismo e proposto como estratégia de um consenso de classes que visava uma sociedade de pleno emprego.

Atualmente, caiu por terra o mito da possibilidade de um contexto ideal de pleno emprego e, cresceu o desemprego estrutural, com um Estado incapaz de responder às transformações sociais e ao aumento brutal nos índices de pobreza, mesmo nos países desenvolvidos.

De acordo com Daniel (2002) os Estados deixaram de exercer a sua função institucional de reguladores sociais das condições de trabalho, fato que contribuiu para um maior descontrole e flexibilização dos contratos da força de trabalho e corroborou para a fragilização da classe trabalhadora, para a sua desarticulação e para o enfraquecimento de suas instâncias de negociação política de interesses como trabalhadores.

Segundo o autor citado, no contexto do desemprego estrutural, do crescimento do trabalho informal e do aumento dos níveis de pobreza, a diminuição da responsabilidade social do Estado

demonstrada, em todos os países, com cortes nos gastos públicos na área social, com privatizações dos serviços e com retrocesso dos sistemas de seguridade social, deixou claro como a insegurança e a desproteção social dos trabalhadores é parte de uma lógica neoliberal mais ampla .

Nos anos 1990, estava claro que o que ocorrera no sistema capitalista internacional fora um giro neoliberal que se expressava claramente em várias dimensões e, principalmente, na nova direção e ação dos Estados que, com impactos diferentes, atingiam todos os países e não poupavam sequer as sociais democracias europeias e seus modelos de Estados de Bem Estar Social (DANIEL, 2002).

A história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise (HOBSBAWM 1999).

2.2. O BRASIL NA NOVA ORDEM CAPITALISTA E NA TRANSIÇÃO AO SÉCULO XXI

A partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, a crise econômica internacional e o conjunto de ajustes processados pelo sistema capitalista, comandado pelos países centrais, incidiram, no Brasil e na América Latina em bases históricas e realidades sociais muito diferentes das encontradas na chamada sociedade salarial da Europa ou dos países da América do Norte.

A sociedade brasileira não se caracterizou por ter sido construída a partir do avanço da democracia, de mercados de trabalho organizados, com medidas trabalhistas e sociais protetoras e de um Estado que regulamentasse a cidadania.

De acordo com Pochmann (2004), o Brasil durante o século passado, ainda que como economia periférica, soube aproveitar algumas contingências de refluxo do capitalismo internacional, obtendo a ampliação das exportações de produtos primários e, mais tarde, dentro de um processo de substituição da economia agrária pela economia industrial, conseguiu um crescimento industrial e um modesto desenvolvimento econômico. Esse aproveitamento tem como exemplo, o período de 1900 a 1920, quando a inserção do país no mercado mundial, como exportador de café e de produtos primários, proporcionou à economia brasileira um crescimento superior à dos EUA. Mais tarde, no ano de 1929, quando, aproveitando a grande crise do capitalismo central, o Brasil substituiu seu modelo econômico agrário exportador pelo modelo industrial e, de 1930 até 1980, quando aproveitou o crescimento capitalista conseguindo sedimentar sua estrutura produtiva industrial.

Porém, embora de fato o país tenha tido – principalmente até o final da década de 1970 – um desenvolvimento e um crescimento

econômico, não conseguiu combinar esses fatores com a construção de uma sociedade justa, democrática e menos desigual, que garantisse condições de vida e de trabalho à sua população.

No Brasil, o trabalho assalariado livre, se instituiu muito tardiamente, com a abolição da escravatura, em 1888. Foi um dos últimos países do mundo a abolir formalmente esse tipo de regime de trabalho e, no ano seguinte, em 1889, com a proclamação da República se estabeleceu no país o regime democrático.

Para Pochmann (2004) o processo de transição no País para o trabalho assalariado, além de tardio, foi feito a partir de uma estratégia conservadora das elites dirigentes que optaram por fazer a substituição dos trabalhadores negros escravos, por imigrantes europeus e asiáticos que para cá vieram como trabalhadores assalariados. Além de conservadora, a estratégia foi intencionalmente excludente, uma vez que fez com que os trabalhadores negros, embora na condição formal de liberdade e podendo vender a sua força de trabalho, não fossem integrados ao mercado de trabalho assalariado sendo com isso, marginalizados do acesso ao crescimento e ao desenvolvimento social.

A condição desigual de integração da população afro descendente no mercado de trabalho, se reproduziu ao longo do século XX, e está presente até hoje, sendo esse um aspecto importantíssimo para entender o caráter da pobreza, da exclusão social e também o caráter da democracia brasileira.

Mesmo com o crescimento considerável do trabalho assalariado no Brasil (1930-1980), quando o país passou de cerca de 1/5 do total de ocupados, no final da década de 1930, para cerca de 2/3, em 1980, o mercado de trabalho mostrava-se extremamente heterogêneo e desigual, tanto no que se refere ao fato do emprego assalariado ser composto por trabalho sem contrato formal, como pela diversidade de

ocupações não assalariadas e, na maioria, ilegais e pelas grandes diferenças de remuneração do trabalho (POCHMANN, 2004).

É importante atentar para os aspectos da heterogeneidade e da desregulação do mercado de trabalho brasileiro que se expressam por excedentes de mão de obra; por diversas formas de ocupação não assalariadas e por trabalho informal, ilegal e precariamente remunerado, que não são somente características das últimas décadas, embora nestas tenham se acentuado, ou seja, gerando relações de trabalho não capitalistas - velhas formas de ocupação e remuneração de mão de obra - combinadas com relações capitalistas modernas, oriundas da industrialização nacional, feitas sob padrões produtivos internacionais, que caracterizaram sempre o mercado de trabalho brasileiro.

Considerando –se que essas formas de trabalho convivem no país desde muito antes da década de 1970, quando começou a se manifestar o fenômeno da desregulamentação provocado pelos ajustes do capitalismo e da globalização, é possível entender a gravidade do impacto provocado pelo encontro de uma estrutura de mercado de trabalho não regulamentado e fragilizada com a conjuntura de reestruturação e reajustes do capitalismo e as suas expressões: desemprego massivo, precarização das condições de trabalho, empobrecimento dos trabalhadores e exclusão social, atual reconfiguração da estrutura social brasileira.

A democracia brasileira nos tempos pós República, fez vários esforços, para sair, do ventre da ditadura (FERNANDES, 1986). E, sem subestimar o processo de resistência e de luta social da sociedade civil, desenvolvido durante o último processo de ditadura (1964-1984), a transição do país à democracia, foi mais uma vez uma escolha das elites dirigentes que a conceberam lenta e gradual e a planejaram de forma cuidadosa , inclusive escolhendo democraticamente os principais

personagens para implementá-la e, como era de se supor, estes representantes não saíram da classe trabalhadora (CYWINSKI, 1990).

Em síntese, nossas condições históricas não permitiram a construção da sociedade salarial uma vez que o mercado de trabalho sempre funcionou com enorme excedente de mão de obra e com diversas formas de ocupação não regulamentadas e assalariadas e sem a intervenção do Estado - nem o acesso, de fato, à democracia básica garantindo a todos, de forma universal os direitos sociais conquistados..

Ao longo da década de 1990, as mudanças nas condições de trabalho causadas pela reestruturação produtiva e os ajustes neoliberais nos âmbitos do papel e das ações do Estado, contribuíram para a perda de trabalho, a redução da renda dos trabalhadores e a fragilização das seguranças sociais que estes dispunham, decorrentes dos vínculos que mantinham com o trabalho.

Além disso, as novas exigências tecnológicas, os novos padrões mundiais de organização do setor produtivo, em médio prazo requeriam menos mão de obra e, ao mesmo tempo quando necessária, esta deveria ser mais especializada. Fenômenos novos e velhos começaram a acenar de forma simultânea no mercado de trabalho brasileiro: encolheu-se a oferta de trabalho e aumentaram as exigências de qualificação para os novos empregos.

O trabalhador brasileiro com uma deficiência histórica educacional ficou rendido diante desta realidade, o que fez com que se multiplicassem as ofertas das novas/velhas formas de contratos precários de trabalho, envolvendo agora não só aqueles pouco ou quase nada qualificados mas, também os qualificados e que, ante a escassez de trabalho, se vêem também submetidos à insegurança tanto dos frágeis contratos quanto das condições de trabalho,

agregando-se a tudo isso a insegurança advinda da escassez da oferta de serviços públicos e da diminuição dos já existentes.

Em meados da década de 1990, 45% dos trabalhadores se encontravam sem contrato de trabalho e sem cobertura de seguridade social (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006). O mercado de trabalho se dividia entre aqueles que ainda se mantinham vinculados a um mercado formal - e que asseguravam por essa condição acesso às condições básicas de reprodução de sua força de trabalho, inclusive com acesso a uma certa seguridade privada e do sistema público, e um conjunto cada vez maior de trabalhadores instáveis, vulnerabilizados pelas condições de trabalho e mais sujeitos ao desemprego (Telles, 1996).

As mudanças acontecidas nas relações de trabalho e, por consequência, na sociedade como um todo não fragilizaram só o trabalhador individualmente e sua família. Elas comprometeram também as condições e as mediações de classe e de luta social dos trabalhadores/cidadãos, assim como a potência das pessoas para, como agentes coletivos, contribuírem com a reconstrução social. Segundo Telles (1996), esse grande contingente de trabalhadores sobrantes é constituída por uma população não só excluída dos benefícios sociais mas, também, alijada da cena política do país.

O enfraquecimento e a inexistência de instâncias mediadoras entre a sobrevivência individual/familiar e a luta social mais ampla - enquanto capacidade de formular e de lutar coletivamente por direitos - comprometem, em última análise, também a cultura política das pessoas e a construção de uma outra qualidade de democracia e de sociedade.

A conjuntura descrita anteriormente, indica, tanto no plano mundial quanto deste país, que um século termina e inicia-se outro com distâncias cada vez maiores entre indicadores econômicos e

sociais: a riqueza cresceu e se concentrou, ampliando, ainda mais a pobreza, acentuando a desigualdade e configurando formas novas de exclusão social e de relações de trabalho.

**O UNIVERSO DA PESQUISA: PANORAMA SOCIAL DA
INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL E SUA RELAÇÃO
COM A SAÚDE DO TRABALHADOR**

3.1. INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Construção civil é o termo que engloba a confecção de obras como casas, prédios, pontes, barragens, fundações de máquinas, estradas, aeroportos, entre muitas outras. É um segmento industrial que por desenvolver essas atividades, é denominado Indústria da Construção Civil (BARONE, 1999).

A indústria da construção civil apresenta, em seu conjunto, tal diversidade de atividades que, de certa forma, é impossível abordar seu desenvolvimento como um todo. Tradicionalmente o setor vem sendo estudado a partir de seus subsetores, conhecidos como: Construção Pesada, Montagem Industrial e Edificações. Não é raro encontrar autores que unificam as duas primeiras em uma única subdivisão, a da Construção Pesada, que apresentam o setor da seguinte forma:

(A) Obras de construção civil

Englobam basicamente as edificações de moradia, comerciais e de serviços públicos, cisternas, poços de pequeno porte, reformas, entre outros.

(B) Obras de construção pesada

Englobam as obras de construção de portos, pontes, aeroportos, estradas, hidroelétricas, túneis, reservatórios, isto é, obras que em geral só são contratadas por empresas e órgãos públicos.

Porém, a divisão em três subsetores também é válida, e determina que ao subsetor Construção Pesada correspondem atividades de construção de infra-estrutura viária, urbana e industrial, construção de obras estruturais e de arte, obras de saneamento, obras de barragens hidroelétricas, perfuração de poços de petróleo, entre outras (FARAH 1992).

O autor descreve o sub-setor Montagem Industrial e como responsável pela montagem de sistemas de geração, transmissão e redistribuição de energia elétrica, atividades de instalação de estruturas industriais, sistemas de telecomunicações, sistemas de exploração de recursos naturais, entre outros (FARAH 1992).

No sub-setor edificações, as atividades concentram-se na construção de edifícios (residenciais, comerciais, institucionais e industriais), de conjuntos habitacionais e na realização de partes de obras especializadas, como fundações, estruturas, instalações elétricas, hidráulicas, entre outros.

Dessa forma, observa-se nesta indústria uma profunda distinção no que se refere ao tipo de produto construído, instrumentos de trabalho utilizados, equipamentos e requerimentos de conhecimento técnico. De outro lado, há uma proximidade entre esses subsetores quanto ao fazer, a execução do objeto construído (BARONE, 1999).

A construção civil é responsável por grande parte do emprego das camadas pobres da população masculina no Brasil, e é considerada uma das mais perigosas atividades profissionais em todo o mundo, liderando as taxas de acidentes de trabalho fatais, não-fatais e anos de vida perdidos (BLANDES, 1992).

No Brasil, em 2001, estimava-se em 1.091.744 o número de trabalhadores nesse ramo da indústria, o que correspondia a 6,4% da população ocupada, próximo de 19% dos trabalhadores da indústria, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006).

A principal causa ocupacional de morte na construção civil tem sido o acidente de trabalho (Sorock, 1993). Dentre outras enfermidades de risco elevado entre esses trabalhadores, encontram-se os sintomas músculo-esqueléticos, dermatites, intoxicações por chumbo e exposição a asbestos (BURCKHART, 1993).

As razões indicadas para a ocorrência destes problemas de saúde na construção civil são o grande número de riscos ocupacionais, como o trabalho em grandes alturas, o manejo de máquinas,

equipamentos e ferramentas pérfuro-cortantes, instalações elétricas, uso de veículos automotores, posturas anti-ergonômicas como a elevação de objetos pesados, além de estresse devido a transitoriedade, alta rotatividade e em grande número de casos pela migração e distanciamento da família.

A migração, realidade do contingente operário desta indústria tem efeitos significativos sobre o indivíduo, é importante destacar que o sentimento de desamparo gerado pela distância das raízes de família e local de origem se instala no mundo subjetivo do indivíduo, intensificando seu sofrimento e sendo determinante de grande número de seus problemas de saúde. A isso se soma o fato de que estas pessoas residem, na grande maioria dos casos, nas periferias e em más condições de moradia. Por morar a uma grande distância dos locais de trabalho precisam acordar muito cedo, na maioria das vezes de madrugada, gastando muito tempo, em média duas horas, de deslocamento em transportes de pouca eficiência e baixa qualidade.

3.2. ACIDENTE, REALIDADE DE UM COTIDIANO

O reconhecimento dos riscos de acidente para os trabalhadores tornou-se objeto de uma Norma Regulamentadora específica, a NR-18 e deu origem a um Cadastro Nacional de Dados específico. Apesar disso, ainda são raros os estudos sobre riscos ou doenças ocupacionais na construção civil, possivelmente devido à alta rotatividade, ao alto grau de informalidade dos contratos de trabalho e a subnumeração nos registros ocupacionais que tornam difícil a identificação de populações definidas, ou ao uso de dados secundários, comuns na epidemiologia ocupacional.

Com dados de Comunicações de Acidentes de Trabalho (CAT), do Instituto Nacional de Seguro Social, foi estimada a incidência de acidentes de trabalho fatais na construção civil, entre 1979-1989, em 59,77 por 100 mil trabalhadores ano, menor apenas do que a do ramo de minerais não metálicos (DE LUCCA, 1993).

Em 1995, um estudo multicêntrico nacional foi realizado com o objetivo de recolher subsídios para o aperfeiçoamento da NR-18, que constatou na época, ser de apenas 55% o atendimento às normas de segurança em canteiros de obras.

Desse estudo resultou a análise de 2.839 documentos CAT da construção civil, estimando-se que 70% dos casos eram contusões (26,5%), ferimentos corto-contusos (25,0%) e fraturas (18,5%), sendo os dedos das mãos (19,5%) a parte do corpo mais atingida (SAURIN, 1999).

Fatores como um alto consumo de álcool e drogas inclusive durante o período de trabalho agravam ainda mais todo o quadro de saúde na Construção Civil.

O acidente altera as histórias das pessoas. Quando se trata de um acidente incapacitante, a modificação é muitas vezes definitiva, ocorrendo um desvio na trajetória de vida desse trabalhador, com seqüelas físicas e psíquicas perenes. Além disso, o acidente não atinge apenas os acidentados, mas também seus companheiros de trabalho que passam a

conviver com a lembrança e com o conseqüente medo. Especialmente a família do trabalhador acidentado, sofre também as conseqüências financeiras do ocorrido, pois na maioria das vezes ele era, senão a mais, uma importante fonte de renda.



Foto: o perigo é uma constante.

Após o acidente, inicia-se uma outra fase em suas vidas: a do tratamento e da busca por seus direitos, fase em que o trabalhador percebe o desamparo social a que está submetido que invariavelmente culmina na dificuldade de resgate de seus direitos.

O acidente, em maior ou menor grau, sempre resulta em uma perda significativa na renda mensal dos trabalhadores. Mesmo os que continuam a receber integralmente o salário registrado na carteira de trabalho sofrem com as perdas referentes às horas extras, ao trabalho por produção e às demais formas de aumentar a produtividade propostas pelas empresas, que se traduziam em um aumento expressivo dos rendimentos. Perdas na renda interferem frontalmente na qualidade de vida das pessoas. No caso dos trabalhadores informais, que, infelizmente, vêm crescendo numericamente no país, toda essa trajetória é agravada pela total desproteção social.

O acidente incapacitante impede que o trabalho continue a desempenhar um papel central na vida desses homens. Esses homens comprometem então sua identidade de trabalhador. O trabalho sempre representou uma fonte de dignidade, e além de preencher uma grande parte de seu tempo, constituía-se em um local de socialização onde se construíam relações de amizade.

O acidente atinge ainda outras dimensões da vida desses trabalhadores, além do seu "corpo saudável". A sua auto-estima é, assim, intensamente abalada. Os parentes acompanham todo esse sofrimento de perto e sofrem também conseqüências diretas, já que, na maioria das vezes, os acidentados são arrimos da família. (GOMES, 2003)

Segundo Gomes, o acidente começa a ser produzido muito antes de sua ocorrência. As condições de trabalho e de vida destes sujeitos precisam ser revistas, pois, caso contrário, essa indústria da produção de infortúnio vai se manter e outros trabalhadores com histórias similares irão continuar sofrendo. Esses trabalhadores que se submetem a condições adversas de trabalho, são na grande maioria residentes na periferia, onde vivem em moradias de baixa qualidade ambiental e em condições de alto risco social. A associação desses diversos fatores, segundo Gomes, auxilia na formação do acidente.

Gomes (2003) apresenta ainda a idéia de que há de certa forma uma banalização do acidente que é relatado pelo trabalhador como se fosse um evento natural ou rotineiro mostrando o seu caráter cotidiano na realidade

dos trabalhadores.

O acidente de trabalho faz parte das histórias de vida dos operários da construção, dificilmente encontra-se um trabalhador que não tenha pelo menos uma história de acidente para contar.

É fato que o número de acidentes nas obras de médio e grande porte têm reduzido gradativamente em função dos programas de qualificação pelos quais passam a Indústria e os trabalhadores da Construção Civil, mas ainda ocorrem em grande quantidade nas pequenas obras, nas reformas, nas obras de periferias urbanas e nas obras afastadas dos grandes centros onde o controle e fiscalização são menores.

3.3. SUB EMPREGO

O trabalho na construção civil sem a carteira de trabalho assinada, desde a década de 60 até o início dos anos 2000, se constituiu na principal característica da precarização da relação de trabalho nesse ramo de atividade econômica no Brasil (Sindicato dos Trabalhadores da Construção de São Paulo, 2007). Nestas três décadas foi comum a existência de uma grande proporção de trabalhadores sem contrato formal de trabalho e biscateiros, o que evidenciou a perda de direitos sociais, trabalhistas e previdenciários assegurados para os demais trabalhadores formais, e esta não foi, logicamente, uma escolha individual. Segundo Santana e Oliveira, em pesquisa realizada em 2004, mais da metade dos entrevistados mencionou a falta de oportunidade, como motivo para não ter contratos de trabalho e, a grande maioria desejava passar para este patamar, sentindo-se prejudicado, especialmente, pela falta de aposentadoria remunerada (SANTANA e OLIVEIRA, 2004).

Os trabalhadores empregados em empresas parecem ter uma situação mais favorável do que aqueles que fazem pequenos trabalhos em domicílios ou pequenos grupos de empreitada, mas ainda assim, nota-se ainda hoje, nesse ramo de atividade industrial, uma frequência substancial de empregados sem contrato formal de trabalho, ou sofrendo tratamentos pouco qualificados, como é relatado no caso a seguir:

Num dia de dezembro em 2004, ao chegar em um canteiro de obras no qual estávamos trabalhando reparamos num grande grupo de pessoas, um alvoroço acontecia ali, aos poucos percebi que o grupo era formado por todos os trabalhadores do canteiro, estavam em volta de um globo de bingo comandado pelo Empreiteiro Chefe. Tratava-se do cumprimento de processo de

demissão de 30% do contingente de trabalhadores do canteiro. Cada um possuía um número, e os sorteados teriam como prêmio voltar para casa mais cedo, dizia o homem. Nos dias seguintes algumas peças de arte que estavam por serem acabadas ficaram sem dono, paradas na bancada de trabalho do ateliê.

(autor do presente trabalho)

A precarização das condições de trabalho, que não ocorre apenas na construção civil e que decorre também de reestruturações das relações no mundo do trabalho, de transformações políticas, econômicas e tecnológicas, provocam a perda de conquistas dos trabalhadores, a diminuição dos salários, a flexibilização dos contratos de trabalho e a desproteção social.

Na construção civil, o aumento do número de trabalhadores terceirizados contribui para esse processo. A estratégia de terceirização vem sendo utilizada como uma forma de redução de custos, o que ocasiona algumas transformações nas relações trabalhistas - através de uma multiplicidade de vínculos empregatícios - e a deterioração das condições de trabalho (SINTRACON SP, 2007).

Os desdobramentos desse aumento extensivo da terceirização na construção civil são preocupantes, pois isso se sobrepõe a um setor que já tinha péssimas condições de trabalho: os ambientes insalubres, a alta periculosidade das tarefas realizadas, os riscos negligenciados, a pouca eficiência de fiscalizações sobre as políticas de segurança do trabalho e a utilização de mão-de-obra inexperiente e desqualificada (GOMES, 2003).

3.4. A EXPLOSÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA (2004 – 2008)

Beneficiada por um pacote governamental que inclui redução de impostos, mais segurança para os credores e um orçamento recorde para financiamentos habitacionais - quase 17 bilhões de Reais -, a Indústria da Construção Civil Brasileira experimenta desde 2004, após seguidos anos de estagnação, o tão sonhado espetáculo do crescimento. Desde então, segundo dados do Sindicato da Indústria da Construção Civil de São Paulo (SINDUSCONSP), o setor registrou uma forte expansão de 7% de crescimento, movimento duas vezes mais forte que a alta do Produto Interno Bruto (PIB) no mesmo período.

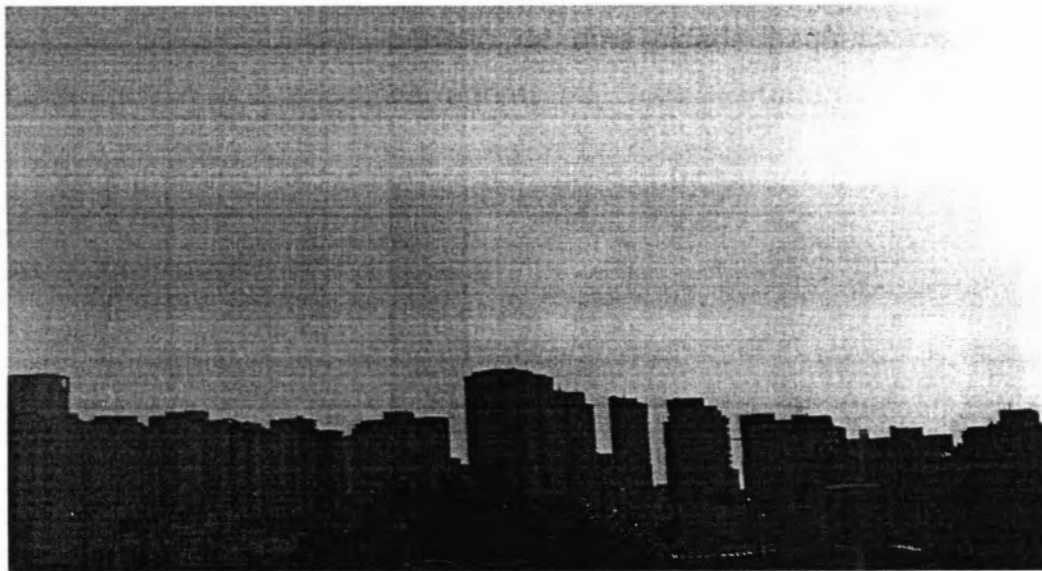


Foto: Grande São Paulo, uma região em construção, um enorme canteiro de obras.

Todos os elos da cadeia, dos fabricantes de materiais de construção às construtoras, registraram no período 2004 – 2008 um momento nunca visto no país, e projetam taxas de crescimento que chegam a 10% por ano até o final da década, o dobro do que deve crescer o PIB nacional (SINDUSCONSP).

O chamado “boom” da construção civil é um importante vetor do crescimento da economia brasileira atual. O setor responderá até o final da década por 15,5% do PIB e empregará cerca de 15 milhões de pessoas, entre vagas diretas e indiretas. Somente o setor habitacional movimenta na atualidade 75 bilhões de Reais por ano, resultando em uma arrecadação de 15 bilhões de Reais em impostos. A expansão do segmento se dá tanto no setor imobiliário quanto nas obras públicas. O resultado das políticas públicas para o setor habitacional é visível desde 2004, quando o Governo Federal adotou uma série de medidas de incentivo ao setor. De acordo com a Câmara Brasileira da Construção Civil (CEBIC), o crescimento é liderado pelo mercado imobiliário, que segundo a CEBIC responde por um quarto do faturamento da construção civil. Outra grande fatia fica com as obras públicas, que incluem desde uma pequena obra de um chafariz que o prefeito de uma cidade pequena manda construir até uma grande barragem.

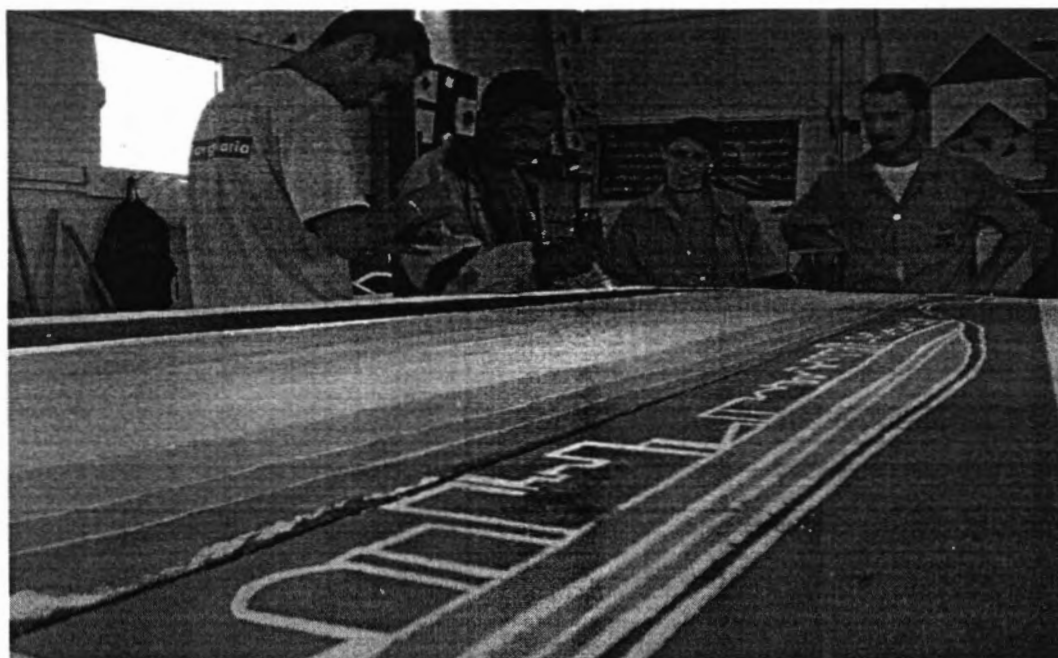


Foto: Pintando a cidade, refletindo sobre o lugar em que vivemos.

As turbulências vividas a partir de 2006 no mercado internacional, em razão da crise imobiliária nos EUA, não tiveram até o presente momento efeito perceptível no segmento da Construção Civil no país, esta é uma constatação observada na 34ª Sondagem da Construção, realizada em fevereiro de 2008 pelo Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON), que confirmou a tendência de melhoria do desempenho e as perspectivas otimistas verificadas ao longo de 2007.

Esse último indicador atingiu pela primeira vez o patamar acima de 60 pontos, com crescimento de 2,1% em relação à última sondagem e de 12,2% na comparação com a pesquisa de fevereiro de 2007. Todos os componentes do indicador denotam claro otimismo por parte do empresariado do setor, principalmente a percepção quanto ao volume de negócios e a rentabilidade, com crescimento de 21,2% e 14,1%, respectivamente, em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O resultado corrobora os números do setor e da economia. A expectativa quanto ao faturamento das empresas, por exemplo, apresentou uma alta impressionante, em torno de 46% na comparação com a pesquisa de fevereiro de 2007.

Ou seja, o cenário externo, especialmente no que se refere ao potencial risco de recessão nos Estados Unidos da América, não repercutiu no mercado da construção brasileira. A perspectiva de desempenho otimista mostra que a Indústria da Construção Civil conta com a manutenção dos fatores positivos que influenciaram o bom desempenho do setor no ano passado: aumento da renda doméstica e expansão do crédito.

Segundo sondagem do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, realizada em janeiro de 2008, a indústria de materiais de construção prevê uma taxa média de expansão de sua capacidade instalada de 9% em 2008, contra 5% em 2007. Das indústrias que responderam à pesquisa, 57% informaram que poderão não atender a todas as encomendas deste ano.

Uma outra explicação para o incrível crescimento da Indústria da Construção Civil brasileira nos últimos quatro anos é o fato de que os investimentos bancários neste período deixaram de ser interessantes, pagando em média 8% ao ano, o que praticamente equipara os ganhos a inflação e as outras perdas de capital. Isso fez com que muitos investidores, nacionais e internacionais, vissem no mercado imobiliário um excelente meio para grandes e rentáveis investimentos de capital, com rentabilidade e liquidez sólidas, a construção acabou atraindo recursos financeiros que antes alimentavam a roda financeira, o que significa um redirecionamento de capital do mercado meramente especulativo para a produção e conseqüente geração de empregos.

Sustentável ou não esse movimento de forte expansão é uma realidade do contemporâneo cenário brasileiro, e provoca mudanças significativas no universo desta pesquisa.

É importante salientar a intensidade destas mudanças, que provocam modificações em diversos sentidos na Indústria da Construção Civil, de maneira a alterá-la em questões de meses. Como autor desta pesquisa que teve seus primeiros escritos em 2004, me sinto obrigado a apresentar considerações com relação à velocidade das transformações que venho presenciando nos canteiros de obras em que ocorre esse estudo. No início desta pesquisa uma obra de um edifício de apartamentos durava em média vinte e quatro meses, hoje, em janeiro de 2008, encontro prazos de obras de dezoito meses. O número médio de operários por canteiro se ampliou significativamente na mesma proporção que as empresas de terceirização de mão de obra surgiram. Novas tecnologias são vistas a cada dia, e alguns métodos de construção que a dois ou três anos eram praticados já foram totalmente erradicados, como por exemplo, o acabamento de fachadas com massa e tinta, atualmente substituído completamente (na construtora universo desta pesquisa) por fachadas pré-moldadas, montadas com ajuda de máquinas, e profissionais, inexistentes a pouco tempo.

Os dados do setor que por anos não se alteravam, sofrem modificações mensais, e as recentes pesquisas desenvolvidas ainda nesta década muitas vezes já não representam a realidade na totalidade.

Os sindicatos patronais e trabalhistas tornaram-se as maiores e mais credenciadas fontes de informações, uma vez que as pesquisas governamentais deixaram de acompanhar a velocidade das transformações.

Não se sabe ao certo que caminho a Indústria da Construção Civil seguirá nos próximos anos, mas não há sinais aparentes de enfraquecimento e perturbações no setor, muito ao contrário, esse segmento tem sido considerado um porto seguro para investidores de todos os tamanhos e nacionalidades (CBIC).

Há desde 2004 um forte movimento de abertura de capital nessa indústria, fazendo com que médias e grandes empresas disponibilizem suas ações no mercado de capitais.

O Programa Mestres da Obra nascido pouco antes desta transformação de realidade da indústria, vem da mesma forma, sofrendo alterações significativas, o que é positivo por um lado, pela demanda criada para suas atividades, porém perigoso por outro, na medida que se altera estruturalmente de forma muito rápida, e nem sempre tão segura, para atender a solicitações de uma indústria acostumada a máquinas, processos racionais e soluções de curto prazo.

Que este movimento pelo qual passa a Indústria da Construção Civil significa uma maior geração de empregos e uma qualificação econômica do setor não há dúvidas, resta saber se a qualificação do trabalho e dos trabalhadores acompanhará o mesmo sentido positivo, se essa indústria considerada nas últimas três décadas, a mais atrasada do ponto de vista do desenvolvimento humano, será capaz de superar a exploração do capital humano, se da mesma forma será capaz de criar uma condição de trabalho mais saudável gerando

riqueza não unicamente para os donos do capital, mas refletindo este desenvolvimento para os trabalhadores e para toda a sociedade. Que impactos serão gerados na qualidade de vida dos trabalhadores da construção civil?

Igualmente há a preocupação com os impactos ambientais que tal crescimento ocasionará tanto na extração de matérias primas, quanto na modificação das paisagens, urbanas ou não, quanto na geração de resíduos e impactos de pós-ocupação dos objetos construídos. Que cidades são essas capazes de resistirem a um novo edifício por dia, fato que hoje é realidade na Grande São Paulo, que estruturas de saneamento, de energia, de fluxos de transporte são necessárias para tamanha ocupação? Que paisagem urbana teremos ao longo de uma década de tal crescimento? Obviamente não só do ponto de vista estético, mas do ponto de vista das temperaturas por consequência da circulação de ventos, das consequentes impermeabilizações de solo, da substituição de bairros de tradição horizontal por áreas completamente verticalizadas. Quais são as consequências que tal crescimento impõe sobre a demanda e oferta de serviços de todos os tipos? Sendo que estes terão de atender a um extraordinário adensamento humano, em fim, são questões que as grandes metrópoles brasileiras terão de enfrentar como consequência deste movimento.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A ARTE

A espécie humana existe, de forma biologicamente inalterada, há cerca de 100 mil/150 mil anos. Por tudo que se sabe, desde que surgiu no sudeste africano, nada de relevante alterou-se em sua configuração física ou aparato neurológico.

Nossos ancestrais, os primeiros homens e mulheres, fizeram a pré-história e a história com artefatos culturais criados ou elaborados a partir de uma base física, biológica e psicológica que, comum a todos os membros da espécie, inclui a capacidade de simbolizar ou representar e a de se comunicar por meio da linguagem articulada.

Não há razão alguma para imaginarmos que os primeiros membros da espécie já não fizessem algum tipo de arte, seja verbal, seja material, musical, performática entre outras. A capacidade individual de fazê-la existia então, como existe hoje, e nenhuma comunidade foi jamais encontrada que não se dedicasse a atividades que classificaríamos sem relutância de estéticas.

Se isso tudo não passa de especulação, deve-se à razão elementar de que os materiais envolvidos naquelas atividades eram perecíveis, a começar pela voz, no caso das artes verbais, e continuando com a madeira, pele e ossos de animais, no que diz respeito à confecção de utensílios.

No entanto, tão logo o Homem principiou a trabalhar com materiais mais duradouros ou teve a sorte de fazê-lo em ambientes propícios à sua preservação, seus vestígios começaram a se preservar e se apresentar.

Assim, as pinturas rupestres de mais de 20 mil anos realizadas pelos caçadores paleolíticos representando seus cotidianos, animais, dificuldades e conquistas podem ser hoje observadas nas cavernas de Lascaux, no sul da França, Altamira no norte da Espanha ou na Serra da Capivara no Piauí.

A arte da palavra, que está intrinsecamente vinculada a algo que define o humano, a saber, a linguagem articulada, são de certo as

primeiras manifestações artísticas a serem praticadas. Porém, demoram para se tornar materialmente perpetuáveis, por serem esses registros algo impossível antes da invenção da escrita pelos Sumérios, a 5 mil anos. É aceitável que estes homens e mulheres antigos também praticassem a produção sonora e musical, invariavelmente conectada com o divino nas práticas religiosas, porém tais registros, enquanto prática artística, só recentemente, no século XX, puderam ocorrer.

O Homem como espécie é, portanto, um ser artístico que comunica seus universos internos e externos, subjetivos e reais, por meio da arte.

“O Homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa. Ele só pode crescer, enquanto ser humano, pesquisando, dando forma, criando.”

(OSTROWER, 1987)

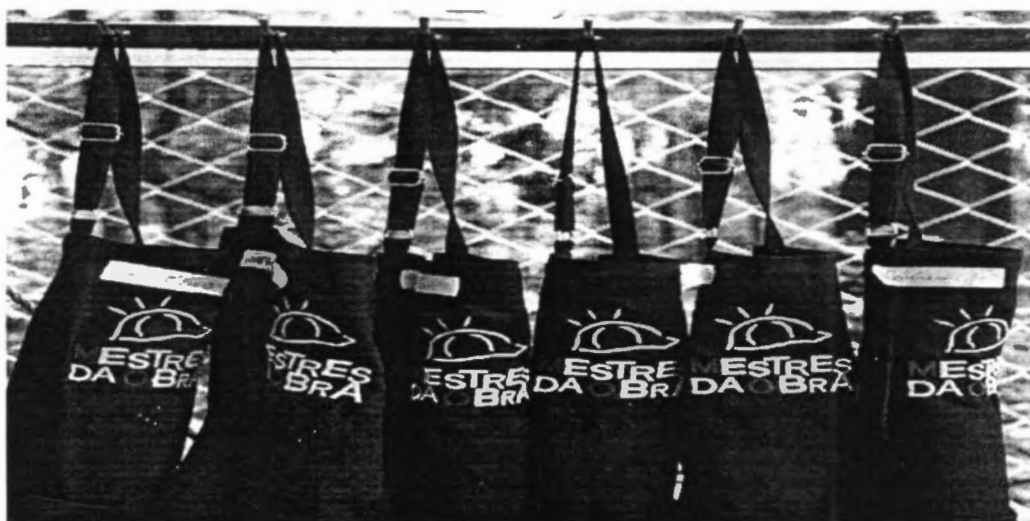


Foto: aventais no ateliê a roupa da criação.

**MESTRES DA OBRA, ATELIÊS DE ARTE NOS
CANTEIROS DE OBRAS**

5.1. O CONCEITO

Mestres da Obra é um nome que se refere ao modo como o Programa de Desenvolvimento Humano ora discutido, vê o trabalhador da construção civil: cada trabalhador sabe o seu ofício – não existe um único mestre, cada um é mestre de algum modo, ninguém sabe tudo, e a obra precisa do conhecimento de todos para se realizar. Além disso o nome explora, obviamente, a similaridade entre essas palavras do universo da construção e seus significados no universo artístico, criando uma “brincadeira” com os significados.

5.2. OBJETIVO DO PROGRAMA MESTRES DA OBRA

O Programa Mestres da Obra tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento humano de trabalhadores da construção civil, para a promoção da sua saúde e da qualidade de vida nos ambientes de trabalho dos canteiros de obras.

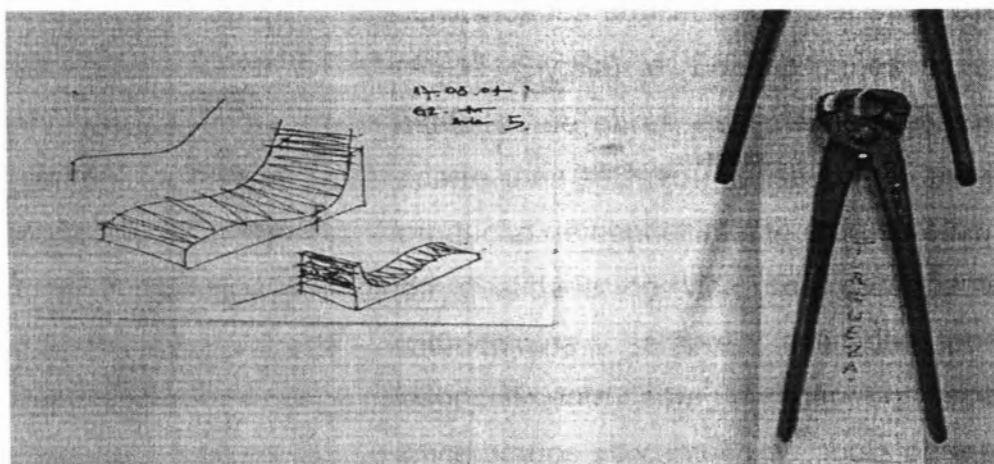


Foto: estudo da cadeira Chaise Longue de Le Corbusier.



Foto: Ateliê Mestres da Obra implantado em um grande canteiro de obra pública no município de Santo André.

5.3. A PRÁTICA

Acontece dentro de canteiros de obras por meio da implantação de atividades educacionais que são desenvolvidas em Ateliês de Arte (Ateliê Escola) e Educação, espaços implementados dentro dos canteiros de obras, especialmente para o Programa. Nestes espaços ocorre uma relação intensa com o aprendizado, com a construção e produção de conhecimento e de auto-conhecimento visando a melhora da qualidade de vida dos participantes. Sob orientação de uma metodologia sempre aplicada por educadores capacitados especialmente para a ação, os operários utilizam os resíduos encontrados no canteiro de obras para a produção de peças de arte e “design”, recuperando assim a condição de matéria prima destes materiais. É base do processo educativo, a valorização do saber e a valorização da cultura de cada um, e tem-se como princípio o fato de

que ninguém mais do que os trabalhadores conhecem a transformação desses materiais de construção. Nos Ateliês Escola, a subjetividade, a criatividade e a oportunidade de sonhar substituem as ordens e diretrizes do trabalho de construção realizado diariamente na obra e as determinações rígidas dos projetos arquitetônicos. O resultado final do trabalho no ateliê é criação do trabalhador.

5.4. CONCEITO DE EDUCAÇÃO

No desenvolvimento do processo educativo nos Ateliês Escola, as atividades estão organizadas para rerepresentar a rotina de trabalho da construção civil: manejar materiais, transformar esses materiais com ferramentas, e de acordo com um projeto chegar a um resultado final. Mas no Mestres da Obra há uma inversão de alguns valores e isto, é justamente o núcleo educacional da ação.



Foto: Operários preparam cadeira Chaise Longue. Utilização da dobradeira improvisada no meio do canteiro. Mesmo ferramental e mesmo material utilizado na construção do edifício.

Nas práticas dos ateliês os materiais que até então eram restos do que já foi construído e descartado, e a priori não teriam mais sentido, tornam-se matéria prima no contato e manejo do ateliê onde o projeto ao contrário do que ocorre tradicionalmente nessa indústria, não é alheio, é criado pelo operário, e os resultados finais expressam suas próprias invenções, referências culturais, estéticas e subjetivações. Isto faz do ateliê um espaço privilegiado de fortalecimento da inteligência e saúde do trabalhador.



Gabriel Boieras

Foto: Utilização das mesmas ferramentas, dos mesmos materiais, do mesmo saber do trabalho de construção.

O Programa Mestres da Obra é um dispositivo de produção de conhecimento e fortalece a inteligência do trabalhador, uma vez que estimula o uso consciente dos saberes básicos, presentes no ato de trabalhar: relacionar-se, sentir, pensar, inventar (DEJOURS, 1994).

No processo de transmissão de valores e referências da arte, no processo de influenciar a percepção, os gestos e os comportamentos dos operários, este trabalho cria espaços de valorização dos saberes e

talentos de quem aprende, diminuindo a barreira entre os que "*sabem / podem*" e os que "*não sabem / não podem*", como defende o mesmo autor (DEJOURS, 1994).

5.5. ALGO NOVO NO LOCAL E NO COTIDIANO DE TRABALHO

Entrar no ateliê para as aulas de Arte representa para a esmagadora maioria dos trabalhadores uma experiência estranha, completamente nova e sem precedentes.

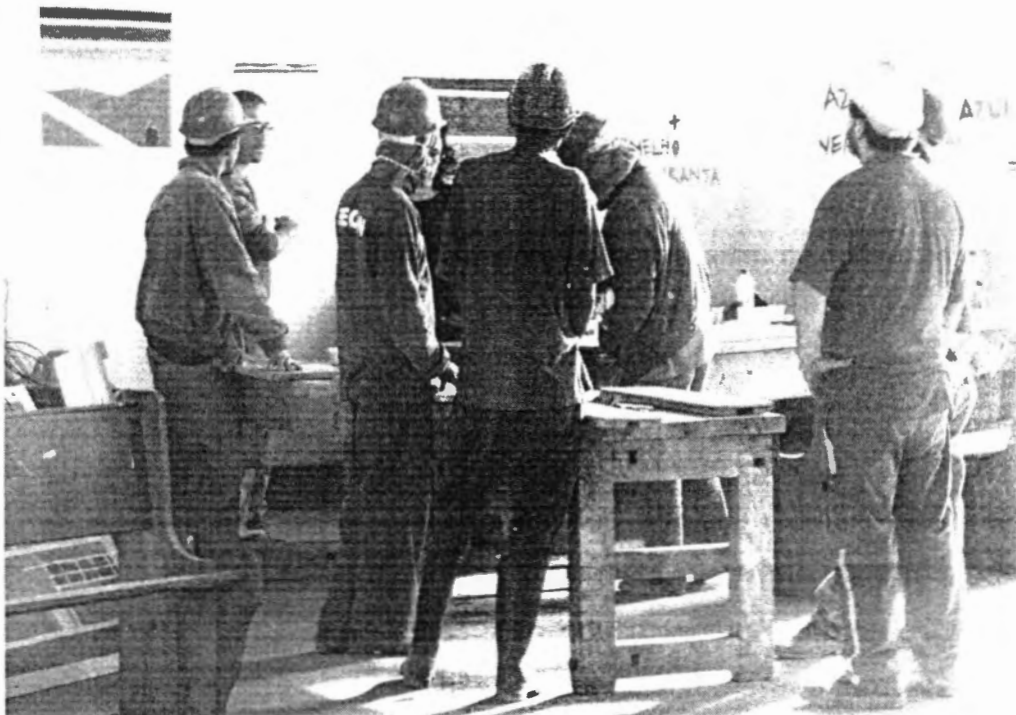
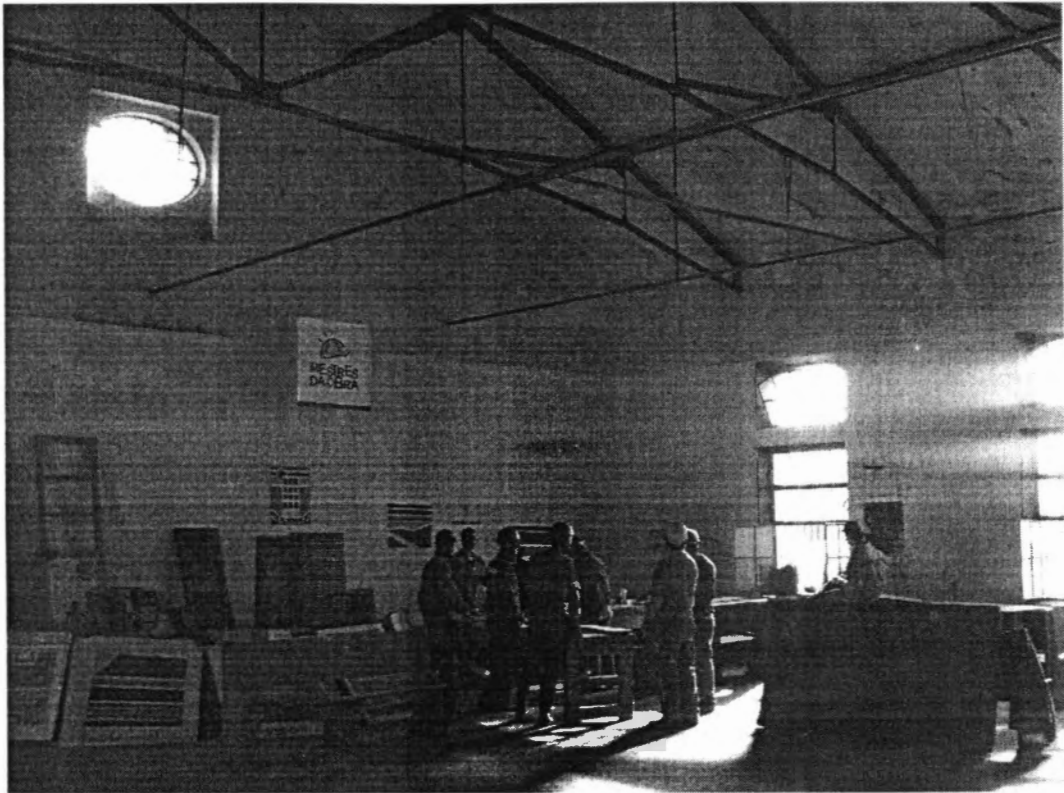


Foto: Trabalhadores observam ateliê, aproximação lenta.



Fotos: Trabalhadores no Ateliê Carandirú – Reforma da Penitenciária do Estado, 2006. Início cheio de estranhamento, de desconfiança. Ateliê difícil, pouca luz, ambiente pesado, lugar de histórias tristes onde os educadores precisaram lidar com temas antes nunca explorados. Nesta obra, aqueles trabalhadores que passaram pelo Mestres da obra puderam conversar sobre o fato de estarem construindo um lugar para aprisionar pessoas, e sobre os efeitos disso para cada um.

Fazer arte durante o expediente de trabalho pode até soar como uma forma de “enrolação”. Muito acanhamento, “falta de jeito”, risos nervosos ou distanciamento são reações comuns no início de um curso. Em pouco tempo, estas reações desaparecem e dão lugar a outras atitudes, interesse, comprometimento e concentração no trabalho. Muitos participantes do Mestres da Obra concedem um tratamento diferenciado para seu trabalho no ateliê, são pontuais, atentos, concentrados, e podem ficar espontaneamente para além do horário combinado, para poder continuar o que estão fazendo.

No ateliê não há controle de frequência ou sanção por faltas e atrasos, mas o trabalho é encarado com muita seriedade.

No ateliê o trabalhador é convidado a “sonhar”, tem tempo e recursos para isso, ele pode experimentar com muita liberdade os materiais e criar intimidades e relações novas com a manipulação dos elementos materiais tão comuns. É possível experimentar e ao fazer isso lida com o fracasso de diferentes maneiras, lições importantes que posteriormente são utilizadas no trabalho de construção no canteiro de obras. Cooperar, compartilhar saberes, construir conhecimentos e usufruir dos seus resultados; errar e com isso se fortalecer, constituem um conjunto de vivências que contribuem para a construção de valores e referências do indivíduo e estas ações, que provocam efeito pessoal e social, são constantemente praticadas no Programa Mestres da Obra.

Nos Ateliês Mestres da Obra atua-se fortemente sobre os aspectos culturais do povo brasileiro. Os educadores provocam intencionalmente o resgate das informações culturais que cada participante traz, fazendo com que cada educando traga para o grupo, informações culturais que muitas vezes são novidade para os demais.

Tais conversas passam a ser ricos encontros de cultura, e as histórias de manifestações folclóricas, de arte e hábitos, contadas com a imensa espontaneidade de quem na maioria das vezes as viveu como personagem direto, compõem um processo de valorização do conteúdo trazido como único, como uma palestra de quem sabe por ter vivido aquilo. A construção desse mosaico cultural, procura e encontra intersecções entre os diversos aspectos de expressividade das regiões de origem de cada um criando um rico ambiente de troca e inclusão cultural.

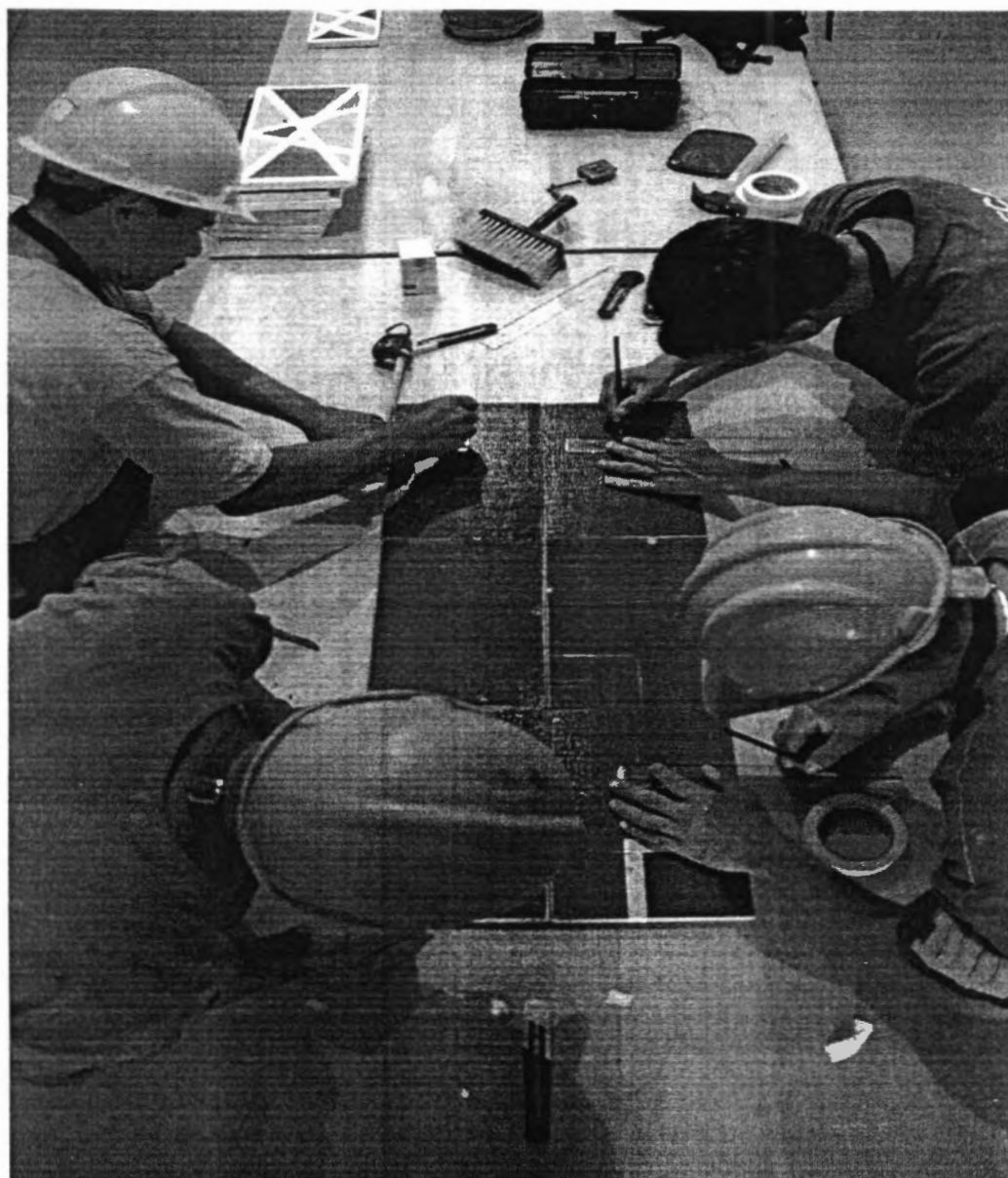


Foto: Trabalhadores constroem painel em grupo. As decisões devem ser tomadas em comum, não há um plano a ser seguido, não há hierarquia. O exercício promove a reflexão sobre o "equilíbrio estético", sobre a beleza, sobre um universo alegórico pouco explorado no cotidiano de trabalho. A peça final é resultado de todos.

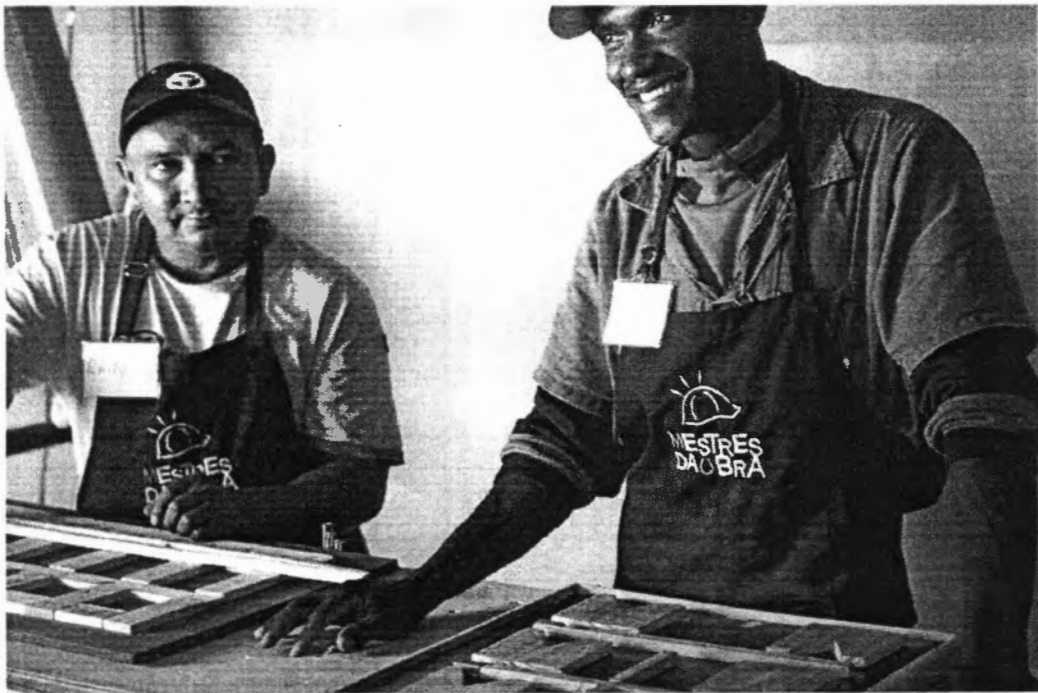
A Indústria da Construção Civil apresenta como poucos setores industriais brasileiros, um baixo nível de exigência de escolaridade do trabalhador. Por esse fato e pela soma de diversas condições de exclusão social, há uma proximidade enorme entre o indivíduo empregado e a criminalidade, segundo dados do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo, o

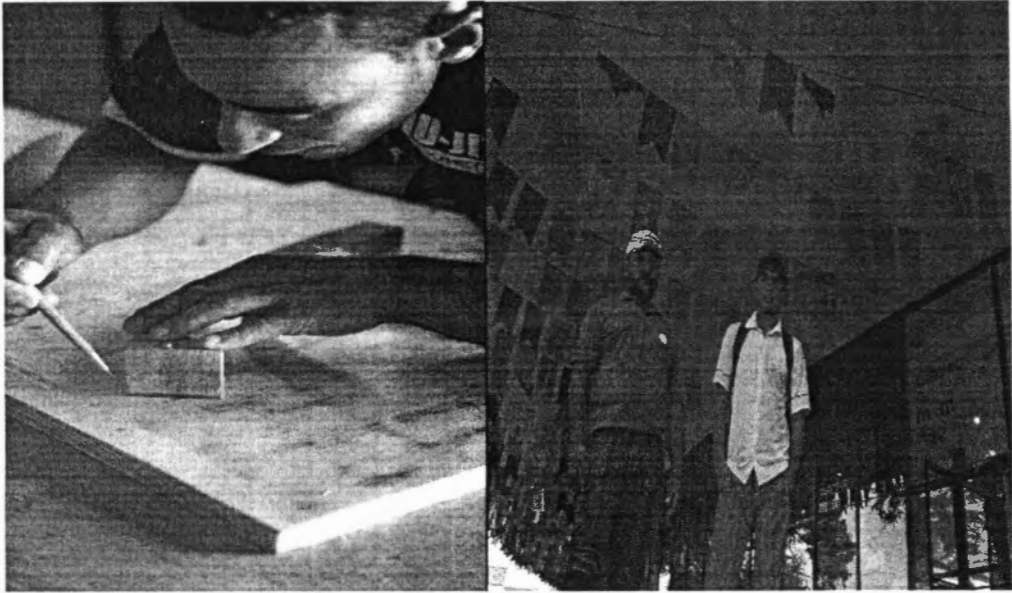
trabalhador da construção civil em comparação com os trabalhadores de outros segmentos industriais, têm o caminho mais curto entre a situação de emprego e de criminalidade.

(SINDUSCON-SP, 2006)

“O nível de ocupação na construção civil deverá crescer possivelmente, na mesma proporção do declínio da criminalidade. E o setor poderá construir cada vez mais moradias e obras de infra-estrutura, e cada vez menos presídios e delegacias.”

(João Claudio Robusti - presidente do SINDUSCON-SP)





Fotos: releitura da arte de Alfredo Volpi e trabalhadores visitam a Exposição de Volpi no MAM em São Paulo, no ano de 2006.

5.6. ARTE, SAÚDE E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Os problemas da saúde abrangem um enfoque socioambiental onde se busca a criação de entornos físicos e sociais que favoreçam a saúde e o bem-estar dos indivíduos. As estratégias dessa última categoria baseiam-se em ações políticas e transformadoras e buscam a mudança social (LABONTE 1996).

No centro do Programa Mestres da Obra, está a criação de ambientes de trabalho mais saudáveis, mais humanos e menos agressivos. Os ateliês são espaços que permitem necessariamente a criatividade, dão condição para a liberdade de idéias e para a construção de conhecimento e reflexão sobre as questões socioambientais.



Foto: Espaço destinado para o ateliê antes da montagem.

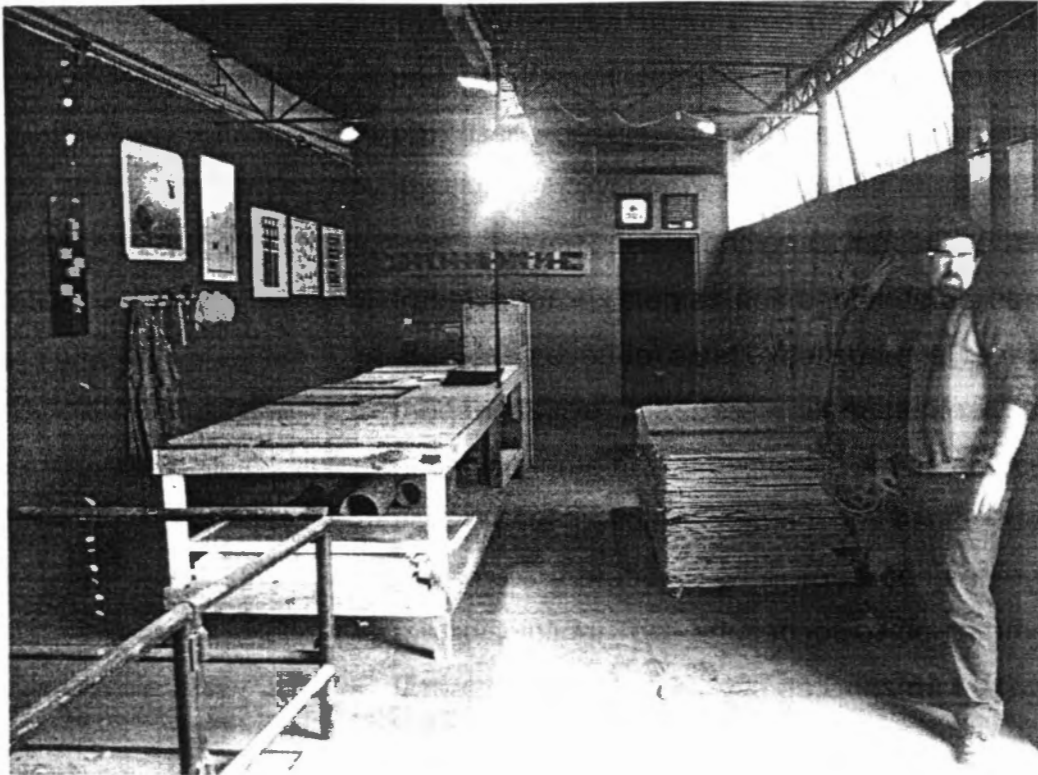


Foto: Ateliê preparado para as atividades.

A complexidade dessas questões, pertinentes não só ao Programa Mestres da Obra, mas a todos os processos de educação que se propõe a trabalhar as questões socioambientais, implica na utilização e no desenvolvimento de novas estratégias de ação (PHILIPPI, PELICIONI, 2000).

O Programa Mestres da Obra tem a intenção de, por meio das atividades implantadas nos canteiros, construir uma realidade em que os operários participantes possam ter uma qualificação de seus ambientes de trabalho, a ampliação de seus conhecimentos, a melhora da auto estima, o fortalecimento de sua cidadania e com tudo isso melhorar a qualidade de vida com promoção de saúde.

É possível que os operários que participem do programa assumam uma nova e melhor atuação nos grupos em que estão inseridos e que dificilmente retornem a condição anterior de percepção do ambiente social, político e cultural.

O Programa Mestres da Obra atua de forma a criar condições para que o indivíduo se perceba de maneira mais ampla em seu meio e por isso deseje ocupar um espaço maior com uma atuação positivamente diferenciada na vida.

Diante das condições negativas em termos de saúde do trabalhador, existentes nos canteiros de obras brasileiros, o Programa atua promovendo a reflexão sobre a realidade para a promoção de mudanças e interfere diretamente com ações de melhora especialmente nos aspectos da saúde emocional.

Esta pesquisa, sendo um estudo de caso, propõe esclarecer melhor esta prática e gerar reflexões sobre este Programa como ação multidisciplinar de educação e de promoção da saúde para os trabalhadores da Indústria da Construção Civil.

O depoimento a seguir, do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil Antonio Ramalho, é bastante significativo e reflete a distância existente entre grande parte do setor da construção civil e o respeito ao ser humano:

“Em 1998, conseguimos que se tornasse regra para todos os canteiros de obras a oferta de um pingado e um pão com manteiga pela manhã. As construtoras acataram, mas na maioria dos casos o pão era com três passadas de manteiga, uma pondo e duas tirando!”

(Frase coletada em conversa com Antonio Ramalho, 2006)

5.7. EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO CIVIL

Atribui-se à educação um papel de destaque para a obtenção do desenvolvimento econômico e social dos países, sobretudo aqueles em desenvolvimento, tendo em vista sua inserção em uma economia cada vez mais globalizada que exige novas capacidades de assimilação e processamento de informação.

O discurso patronal de parte da construção civil faz alusão à deficiência escolar dos trabalhadores como uma das variáveis responsáveis pela identificação do setor como um dos mais marcados pelo "atraso".

A temática, que faz parte de uma discussão mais ampla, alicerçada na relação entre trabalho e educação, resgata para debate o papel da educação como um dos requisitos centrais para os processos de reestruturação produtiva nos diferentes setores econômicos (BARONE, 1999).

Neste sentido, há desde a década de 1990 um fraco, mas real movimento de escolarização na indústria da construção civil representado especialmente pelos programas de alfabetização desenvolvidos por um número pequeno de empresas no Brasil.

Em outras palavras, afirma Barone (1999), a promoção pela empresa da educação básica do trabalhador é um fenômeno particular de tendência geral de aumento da escolaridade da força de trabalho, verificada em outros setores e ramos da produção.

Assim, essa realidade indica que tais programas de educação em canteiros de obras visam atender a um contexto econômico e social do trabalho que vem solicitando uma mão-de-obra com características diversas daquelas exigidas pelos modelos produtivos de base taylorista/fordista, pois o novo cenário produtivo requer um trabalhador que vai além da execução de tarefas.

O Programa Mestres da Obra, sem dúvida tem se beneficiado com este movimento, porém não se estrutura nos mesmos objetivos ou razões que as salas de alfabetização. Ele é resultado da união de duas realidades combinadas, o movimento de qualificação ambiental pelo qual passa a indústria da construção civil alicerçado inclusive por legislações específicas e a inserção desta indústria no contexto da responsabilidade social. Juntos ganham o explicativo e eficiente nome de "responsabilidade socioambiental", título que invariavelmente agrega valor nos produtos finais, gera "marketing" e conseqüentemente mais vendas num mercado cada vez mais exigente com relação à estas questões. Portanto, com essa dimensão abriu-se espaço para o investimento em práticas educacionais que atendem simultaneamente a aspectos internos de qualificação de mão-de-obra, promoção da saúde, inclusão cultural e aspectos externos de Mercado.

O Programa Mestres da Obra como processo educacional busca a construção de um indivíduo capaz de ir além da solução de problemas de raciocínio lógico na solução de questões que surgem no cotidiano de trabalho, expressa o desejo de formação de sujeitos com disposição para se tornarem cooperativos, com capacidade de autonomia, mais comunicativos, com um novo padrão atitudinal, é um dispositivo de produção de bem estar no ambiente de trabalho.

"É um trabalho que alimenta a alma."

(Antonio Setin, empresário do setor)

5.8. CONSEQUÊNCIA DE UM PROCESSO EDUCATIVO GERADOR DE ARTE

O educador do Mestres da Obra trabalha as similaridades estéticas, a ancestralidade indígena, européia e Africana, a religiosidade, a fé e a história das ocupações e formações do Brasil.

Assim, se forma a produção artística do Ateliê Mestres da Obra, que mostra por tudo isso, um resultado de intensa expressividade e complexidade estética e cultural brasileira. Do ponto de vista artístico, o resultado material do Mestres da Obra ganha valor, o que é importante pois, permite que essa arte tenha condições de ser mostrada nos espaços de cultura, normalmente abertos a um segmento restrito de pessoas, invariavelmente as classes de maior poder aquisitivo.



Foto: Exposição no Istituto di Design Europeo – São Paulo, 2007, no centro da foto é possível ver a “gangorra” feita com tubo de PVC, representando a infância roubada pelo trabalho no Nordeste.

Realizar o caminho entre o canteiro e a galeria de arte, promove diretamente dois efeitos igualmente positivos. O primeiro efeito ocorre na sociedade, pois faz com que determinados segmentos sociais da elite econômica e cultural, percebam a existência de uma capacidade coletiva de criação nessa categoria de trabalhadores, que vai além do acentar tijolos, rolar a massa e entortar o ferro. Aquele “peão”, migrante e morador da periferia, pode sim, conceber e fazer algo belo do ponto de vista estético e sofisticado.



Foto: Celebidades! Operários em exposição Mestres da Obra. Entrevistas para a TV e explicações sobre a criação fazem parte destes momentos.

O outro efeito ocorre no operário, ele acontece quando esse movimento canteiro de obras para galeria de arte promove a auto-estima e ajuda o indivíduo a reencontrar sua individualidade, seu saber e valor pessoal, na medida em que este indivíduo se mostra um sujeito detentor de história, de lastro sociocultural, de capacidade criativa e, mais que tudo, transmissor de conhecimento e expressão cultural.

A experiência do operário que entra, muitas vezes com sua família, em uma exposição de arte Mestres da Obra, e encontra seu

trabalho artístico, isto é, a arte de um coletivo operário do qual ele faz parte, sendo apreciada e valorizada em meio a pessoas de classe alta, promove a inclusão social, mexe com sua auto-estima, na medida em que é visto, reconhecido.

A admiração dessas pessoas que normalmente não o enxergam e que quase sempre só estabeleceriam contato com ele numa relação desigual patrão/empregado e a troca de conversas sobre processo de criação, sobre subjetividade e emoção, altera, ao menos um pouco, a segmentação social violenta e degradante da sociedade, que “adoece” a todos, ricos, pobres, estudados e “peões”.

Como consequência de ter a arte como principal ferramenta de trabalho, tem entre seus resultados elementos visuais com forte efeito de comunicação provocado pelos objetos artísticos, particularmente produzidos por um segmento social considerado por puro preconceito, pouco capaz para tanto.

A forte presença de migrantes nos ambientes de atuação do Mestres da Obra, característica que faz com que esses canteiros de obras sejam espaços ricos de expressões culturais brasileiras, de elementos sonoros, visuais, religiosos e comportamentais, ajudam a compor um mosaico de manifestações que por fim dão o “traço” desta arte, forte, rústica e ao mesmo tempo dotada de muita informação.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se a metodologia qualitativa e o estudo exploratório. Na pesquisa buscou-se descrever significados socialmente construídos, sendo por isso definida como subjetiva; com características não estruturadas; rica em contexto e enfatizando as interações, difíceis de serem quantificadas. O uso de pesquisas qualitativas como campo de conhecimento vem sendo feito na Saúde Pública de forma bastante frequente em estudos sobre grupos e segmentos populacionais, como possibilidade de interpretar a realidade examinada, conforme verifica-se na análise de dissertações com enfoques similares ao que este Projeto de Pesquisa se propõe (HOOSHMAND, 2004).

Como observa Coelho (2001), esta opção está relacionada ao método dialético de análise em que se apóia este tipo de investigação, pois permite identificar os diversos aspectos do objeto de estudo, contrapondo os dados obtidos aos modelos mais amplos da sociedade e analisando-os com base nos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que estão presentes nos fenômenos sociais.

Observando-se algumas características definidas por Gil (1999) para estudos de caso, pode-se dizer que o formato desta pesquisa direciona sua classificação dentro desta categoria tendo como elementos indicativos: a determinação de um local e grupo específico para análise e o estudo de poucos objetos com detalhamento e aprofundamento.

Trata-se de um estudo exploratório entendido conforme Gil (1995) pois: tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer, modificar conceitos e idéias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses requisitáveis para estudos posteriores.

Para Minayo (1994), é esclarecedora, ao afirmar que a abordagem qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo de

significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Outro elemento marcante é o fato de ser um estudo de um fenômeno atual, que representa uma realidade de grande complexidade que teve como evidências um relativo número de fontes: observação da rotina de trabalho do ateliê (local central de observação), coleta de depoimentos dos profissionais que frequentaram o canteiro de obras e com os dos setores administrativos da empresa, como engenheiros, arquitetos, profissionais de marketing e de recursos humanos, entre outros, que indiretamente sofreram influência do programa tomando contato com ações desenvolvidas no ateliê e com a repercussão e desdobramentos que extrapolam os limites do ateliê se espalhando no canteiro de obras e por toda a empresa.

Foram utilizadas outras fontes de informações como complementação por meio da pesquisa documental e análise de textos jornalísticos, documentos técnicos e acadêmicos.

A estratégia de observação utilizada foi a denominada simples, também identificada como reportagem, por apresentar similaridade com as técnicas empregadas por jornalistas, segundo Gil (1999). A observação que ocorrerá de maneira mais intensa foi a da rotina de aula do grupo de trabalhadores inscritos no curso.

As outras observações foram focadas na relação com o programa dos engenheiros, arquitetos e demais profissionais do canteiro de obras e na participação dos funcionários da empresa em atividades geradas pelo programa, como por exemplo, exposições de arte.

A presente pesquisa utilizou também como recurso central a História Oral privilegiando a análise da história de vida dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, ressaltando o que denomina de

“memórias subterrâneas” que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à *“memória oficial”* (POLLAK 1989).

O grande objetivo da História Oral é possibilitar o conhecimento da realidade pela visão dos excluídos, daqueles que nunca podem se expressar, como é essencialmente o caso do público alvo do presente estudo.

Na História de Vida, portanto o entrevistado foi convidado a narrar de forma livre sua vida, destacando suas próprias lembranças, ordenando e selecionando o que queria relatar. A riqueza do relato dependeu do depoimento do entrevistado, do que quis revelar e aceitou contar de suas experiências de vida. No uso dessa técnica, a auto-censura, a auto-promoção, ou ambas, estão sempre presentes no relacionamento da pesquisa, já que a coleta de histórias de vida encontra forçosamente esta limitação e fontes de desvios (QUEIROZ 1991).

A escolha por trabalhar com esta metodologia é coerente com os objetivos do estudo, já que a pesquisa qualitativa por meio da História de Vida permitirá conhecer a partir das coletas de depoimentos a realidade de dentro e de fora do ambiente de trabalho, permitindo a obtenção de informações que não poderiam ser conquistadas apenas com a observação, como por exemplo dados sobre o cotidiano familiar, sobre as relações sociais, entre outros, necessários para a ampliação da compreensão da realidade e das consequências dos níveis de intervenção proporcionados pelo programa e existentes no objeto em estudo. Utilizando-se das Histórias de Vida, da observação, das entrevistas com roteiro semi-estruturado e da análise de textos e documentos, poderá ser feita a triangulação na análise posterior dos dados, necessária, como sugere Becker (1994), a toda pesquisa de campo.

APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

PETROLINA

Função no canteiro: pedreiro

Nasceu e se criou em Pernambuco, na cidade de Petrolina. Teve vinte e um irmãos, todos nascidos da mesma mãe. Ele era um dos mais novos, era o “número dezenove”. Viviam todos em uma mesma casa que possuía doze quartos:

“era uma casa normal, o que mudava lá era o número de quartos... minha ajuda em casa era só se divertir, brincar, só fazia é chorar, eu chorava muito quando era criança...nunca fui de trabalhar lá, não.”

Os pais eram comerciantes da cidade e ele enquanto criança nunca precisou trabalhar. Seu pai era uma pessoa calma que possuía muita autoridade e era muito respeitado pelos filhos:

“Meu pai, só em ele falar a gente já tinha medo... qualquer palavra que ele falava todo mundo se acalmava.”

A mãe era a figura repressora, mulher forte que havia dado a luz a vinte e dois filhos e era quem tomava conta da casa:

“Agora, já a minha mãe, aí era mais... era mais, o sapato era mais apertado, minha mãe era que toda hora era um apito.”

A família era católica, todos os filhos fizeram catecismo e frequentavam a igreja todos os domingos como obrigação, hoje em dia sua mãe, ainda viva, mudou de religião:

“No domingo ia os vinte e dois pra igreja. Minha mãe era católica, católica mesmo. Agora ela mudou, passou pra religião de evangélica.”

Estudou em Petrolina até a sexta série e não deu continuidade nos estudos em São Paulo, para onde migrou em 1996 com dezoito anos em busca de trabalho e outra vida.

MACARANI

Função no canteiro: pedreiro

Nasceu na Bahia, no município de Macarani, perto de Vitória da Conquista. Viveu na infância com o pai, a mãe e mais oito irmãos, Macarani era o sétimo filho. Todos tinham que trabalhar na roça, plantando feijão e mandioca, para consumo próprio e para a venda:

“Era pesado, hein... meu velho pai era complicadíssimo, nós tinha que estudar e trabalhar, estudava na parte cedo, e à tarde ia pra roça.”

Apesar da vida dura, fala com saudades de sua infância e seus olhos se enchem de lágrimas ao lembrar de sua casa, onde seus pais residem até hoje, no mesmo lugar, na mesma casa, porém reformada recentemente com ajuda de todos os irmãos:

“A cama que eu dormia “tá” lá, a mesma coisinha, não diferenciou nada.”

O pai era bastante disciplinador e todos os filhos o respeitavam muito:

“meu pai olhava e eu já sabia que ali tinha coisa errada, depois ia vir lição de moral.”

Estudou até a quinta série na Bahia, em uma escola próxima de sua casa onde aos finais de semana, o padre da cidade próxima realizava missas nas quais, sua irmã, era uma auxiliar. A família toda era católica e freqüentava com rigidez esses cultos, nos quais muitas vezes sua irmã ajudava nos batismos:

“E todo domingo a gente ía na igreja, hoje em dia, não, porque a gente trabalha muito.”

Sempre teve vontade de vir para São Paulo, e foi o que fez em 1983, sem o consentimento dos pais que tinham medo de que o filho se perdesse na vida da cidade grande.

PORANGA

Função no canteiro: encarregado de carpintaria

Nasceu no Ceará, no município de Poranga. Filho mais velho de onze irmãos, viveu sua infância no local onde nasceu, com seu pai e sua mãe. Na infância não trabalhou para fora, sempre com os irmãos, nas terras em que vivia. Na infância estudou pouco, com muita dificuldade em função do trabalho na roça, fez até a quarta série do primeiro grau:

“Eu vim da roça. E aí o tempo da gente pra estudar era meio pouco, né ? ... era pouco... aprendi pouco.”

Toda a família era envolvida no cuidado da roça e dos animais de um fazendeiro para o qual o pai de Poranga trabalhava.

O pai era rígido e direcionava os afazeres da família:

“O pai falava, o filho obedecia, a ordem era dura... o pai era o encarregado.”

Conta que passavam dificuldades, mas as saudades da infância e da terra de origem o fazem se emocionar:

“Ah! Lá... Quando tava todo mundo junto lá era bom... sempre tinha uma dificuldade, mas é normal do pessoal lá do Nordeste, né? Era bom.”

Na família tinha um papel importante como filho mais velho era quem repassava as ordens do pai para os mais novos, de maneira parecida como faz hoje no canteiro de obras na função de encarregado de carpintaria:

“Nós éramos onze irmãos e eu era o mais velho de todos... então o pai jogava a responsabilidade pra mim e os outros acompanhavam.”

A família era muito religiosa, católicos, nunca deixavam de comparecer a uma missa, como faz até hoje em São Paulo.

Casou no Ceará e em 1985, no ano seguinte resolveu vir para São Paulo, sozinho. Deixou pela primeira vez a família para passar um período de sete meses em São Paulo. Esse fato passou a se repetir pelos onze anos seguintes, passava em São Paulo períodos de seis a doze meses, até que em 1997, trouxe a família.

JUAZEIRO

Função no canteiro: Contra mestre.

Nasceu no Ceará, no município de Juazeiro do Norte. Segundo Juazeiro, ele não teve estudo no Ceará, só foi estudar em São Paulo já adulto:

“Tô estudando depois de velho, infelizmente aconteceu assim, vim de família pobre, sem condições, infelizmente fui obrigado.”

Tinha seis irmãos e sem muitas palavras conta que sua vida em casa não era fácil, vida dura em um lugar difícil, castigado pelas dificuldades comuns ao Nordeste, que segundo o próprio, não mudaram tanto assim.

“Minha família? Num tem muito o que falar, que eu saí de casa muito cedo, saí de casa com treze anos. A dificuldade era grande na época, na década de oitenta por aí, a gente tinha uma dificuldade muito grande. Saí de casa com treze anos, fiquei morando com uma senhora lá que me apoiou também.”

Como todo morador de Juazeiro é devoto de Padre Cícero, e quando criança freqüentava as missas e festejos realizadas ao pé da estátua, todo dia 20. Hoje é católico, mas não freqüenta a igreja. Juazeiro diz que a coisa mais importante em sua vida é sua família, a qual formou em São Paulo e sempre sustentou, trabalhando na construção civil:

“...minha esposa, minhas duas filhas e meu filho, é tudo na minha vida, acho que é uma coisa que eu nunca tive, mas pra mim é tudo de bom, tudo de maravilhoso, posso chegar em casa cansado, me acolhem do mesmo jeito, se tiver sujo me acolhem do mesmo jeito é... a família que eu sempre pedi a Deus pra ter, tudo que eu tenho na minha vida é isso aí.”

SÃO PAULO

Função no canteiro: engenheiro

Nasceu em São Paulo, capital. Sua família era de classe média baixa, segundo ele. São Paulo e seu único irmão tiveram uma educação rígida regrada por tarefas domésticas bem definidas e muito estudo. Estudou sempre em escolas públicas, pois seus pais não tinham condições de pagar pelas escolas particulares, mas com muito empenho chegou à faculdade. Acostumado a trabalhar desde cedo teve muitos empregos diferentes a partir dos catorze anos de idade, o que lhe possibilitou ter seu dinheiro próprio, mas uma parte sempre ficou para ajudar em casa.

“Sempre tive uma educação não vou dizer que foi muito rigorosa, mas foi acho que um pouco rigorosa e assim, meus pais sempre me explicaram o porquê do estudo, onde que a gente tem que chegar um dia, e eu acabei ficando com isso na cabeça e, sempre gostei de estar estudando. Levei tudo muito a sério, comecei a trabalhar cedo, eu tinha catorze anos no primeiro emprego.

Com muito esforço consegui pagar o cursinho e entrei na FATEC... e hoje estou aí.”

Seu pai sempre trabalhou em casa como técnico de eletrônicos, e sua mãe não trabalhou fora, só em casa, cuidando dos filhos e do lar.

“Eu sempre morei na mesma casa, meus pais eram simples mas eles eram bastante corretos, então, quiseram casar e já ter casa própria, porque num tem casa própria num casa né? Eles compraram a casinha deles, e eu cresci, a minha infância e juventude toda foi na mesma casa, sempre dividi o quarto com meu irmão, crescemos com disciplina, sabendo exatamente o que é certo, o que é errado. Agente era muito preso em casa, às vezes ia fazer visita na casa de uma tia ou de um parente, a gente ficava

até bem acanhado, envergonhado, então, sabia o que era certo e o que era errado, tinha esses lances assim, que hoje num tem mais, tipo, de num pôr a mão na parede, num mexer no que é dos outros.”

“Minha família é católica, mas nós não somos praticantes, então, de vez em quando a gente vai à igreja, numa missa, num fim de semana, sábado, domingo, mas assim, não somos praticantes.”

Saiu da casa dos pais para casar com sua atual esposa, arquiteta paisagista, com quem planeja ter filhos, assim que as condições financeiras permitirem.

REFLEXÕES A PARTIR DOS DEPOIMENTOS

8.1. CATEGORIAS DE ANÁLISE

As reflexões a partir dos depoimentos estão estruturadas em categorias de análise. Essas categorias não são aleatórias, pelo contrário, são orientadas por uma lógica, por um eixo orientador que pretende estruturar uma reflexão que prioriza uma observação social, ambiental e cultural.

As categorias de análise desta reflexão, chaves que orientam essa “leitura” da pesquisa, surgiram naturalmente a partir das histórias de vida dos trabalhadores entrevistados.

Por apresentarem traços em comum e de enorme relevância, essas histórias de vida documentadas em entrevistas conduzidas por um roteiro igual para todas e pré estabelecido, determinaram por si alguns pontos de observação.

Deve ser considerada obviamente nesse processo de análise, a intenção da pesquisa de estabelecer correlações entre essas categorias de análise e o entendimento de que elas são fundamentais na construção de resultados que possam contribuir para futuras ações de promoção de educação, saúde, qualidade de vida e desenvolvimento humano neste universo de ação.

Portanto os capítulos seguintes estão divididos para assim permitirem uma reflexão sobre esta realidade, desta classe trabalhadora e deste segmento industrial, mas todo o tempo tendo no centro o indivíduo, o trabalhador.

Esta análise assim se divide nas seguintes categorias: A Migração; Migração e a identidade cultural; O trabalhador; O convívio com o risco; O cidadão; A educação, a cultura e o lazer.

8.2. A MIGRAÇÃO

Nos últimos 120 anos, o Estado de São Paulo se constituiu na região brasileira que sofreu maior impacto quanto à entrada de imigrantes nacionais e estrangeiros, desde os grandes fluxos europeus e japoneses nas duas primeiras décadas do século XX, aos fluxos nacionais (predominantemente de nordestinos, mineiros e sulinos), que cresceram a partir de 1930.

Em 1980 no Brasil, dos 16,5 milhões de migrantes nacionais, menos de 1,5 eram paulistas. No entanto, o estado de São Paulo acumulava um fluxo de 6 milhões de pessoas de outras origens em seu território (CANO, 1996).

Em função das dificuldades de emprego em São Paulo, a partir da segunda metade da década de 1990, os fluxos migratórios foram menos evidentes, e surgiram movimentos de regresso da população de São Paulo para os estados de origem, mas mesmo assim o estado de São Paulo ainda exerce forte atração sobre a população do nordeste, principalmente proveniente dos estados do Piauí, Ceará, Paraíba, Bahia e Pernambuco (THÉRY, 2005).

Uma parte significativa desse fluxo migratório é absorvida pela Indústria da Construção Civil, que continua ainda na atualidade disponibilizando trabalho e gerando atração. O processo recente de expansão pelo qual a Indústria da Construção Civil passa, indica que novos postos de trabalho diretamente e indiretamente ligados aos canteiros de obras serão abertos nas grandes capitais brasileiras e de forma muito significativa no Estado de São Paulo. Dados dos Sindicatos dos Trabalhadores da Construção Civil de São Paulo mostram que na Grande São Paulo ocorre no presente momento um lançamento imobiliário por dia, isto é, um novo canteiro de obras é instalado absorvendo uma gama diversificada de mão de obra direta e serviços terceirizados.

“Torna-se um retirante, impulso pela seca cíclica, mas retorna sempre ao sertão.”

(Euclides da Cunha, Os sertões)

A idéia de que a grande cidade e seu desenvolvimento econômico proporcionam melhores condições de vida com maior diversidade de emprego e uma conseqüente ascensão social, com maior possibilidade de aquisição de bens de consumo e serviços e maior participação na diversidade das inter-relações socioeconômicas, é percebida nas histórias contadas pelos entrevistados desta pesquisa, e em depoimentos, tais como esse apresentado a seguir:

Com vinte anos, eu já me casei, lá no Norte. Aí, com uns vinte e um anos eu vim para São Paulo... eu casei em 1985, em 1986 eu já saí, né? Vim pra São Paulo pela primeira vez, tentar a vida. Daí foram onze anos indo e vindo, até que eu trouxe a família.

O que faz a gente vim de lá pra cá tantas vez é ... É ilusão. Vinha uma pessoa daí voltava, chegava lá, comprava... naquele tempo, os cara chegava, comprava uma bicicleta novinha, o cara falava: “Fulano foi lá pra São Paulo, passou seis meses e comprou uma bicicleta, comprou uma moto, então eu vou também.” A vida de lá do Norte só dá pra você sobreviver, não sobra, não tem um salário, não sobra nada. (PORANGA)

A essas expectativas soma-se o baixo desenvolvimento social e econômico das regiões norte e nordeste do país, fato determinante para o movimento de saída da terra de origem.

O abandono físico dessa terra, da família, dos amigos, dos costumes e das tradições, ocorre, então pelo desejo de uma vida melhor, por fatores de expulsão como também pela falta de acesso a trabalho e renda, pelo desgaste, exclusão e sofrimento ocasionado pela pobreza, pelas faltas de oportunidades básicas nas áreas de

educação, saúde, alimentação, lazer e em especial, pela baixa expectativa de mudança nas condições de vida no local de origem e sobre tudo isso, pela seca.

O movimento de migração é amparado por uma rede informal que dá suporte ao migrante, formada por conhecidos, parentes e amigos que auxiliam criando condições mais favoráveis para o processo, conforme pode-se perceber claramente no depoimento a seguir:

Tinha um conhecido da gente, ele primeiro trouxe meu irmão, segundo trouxe a minha irmã, e eu louco pra vir pra São Paulo. Na época não tinha telefone, né? Escrevi um bilhete, mandei pra ele, falei: "Ó, todo tempo que você vim aqui, eu vou pra São Paulo mais você". Quando foi um belo dia, ele chegou na cidadezinha e mandou um rapaz me avisar. Falou: "Ó, eu estou aqui nessa cidade e tô indo embora pra São Paulo tal dia. Se você quiser ir, tá a disposição pra ir mais comigo". Falei: "É agora". Aí minha mãe começou a chorar mais meu pai, que era todos muito unido, né? Nossa família era unida demais! Na época nós era nove irmãos dentro de casa. Se um comesse um pedaço de galinha, tinha que dividir, cada um comia um pedacinho se visse uma banana madura, tinha que dividir se achasse uma espiga de milho, tinha que dividir pra todos nós. Era muito unido e tudo era pouco. O homem falou: "Arruma o dinheiro da passagem que eu levo você". Aí eu vim com ele... tem vinte e cinco anos que eu tô aqui em São Paulo. (MACARANI)

É provável que a falta de exercício político e de cidadania contribuam também para que esses migrantes não elaborem, individual e coletivamente, possibilidades de, como sujeitos, contribuírem para mudanças sociais em suas comunidades de origem.

De fato, a inflexão peninsular, extremada pelo cabo de S. Roque, faz que para ele convirjam as lindes interiores de seis Estados — Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí — que o tocam ou demoram distantes poucas léguas. Desse modo é natural que as vicissitudes climáticas daqueles nele se exercitem com a mesma intensidade, nomeadamente em sua manifestação mais incisiva, definida numa palavra que é o terror máximo dos rudes partícios que por ali se agitam — a seca.

(Euclides da Cunha, Os sertões)

Seca: Falta de chuvas; estiagem. 2. Período que a ausência ou carência de chuvas acarreta graves problemas sociais e econômicos: durante a seca de 1877, pior até hoje registrada no polígono da seca, só no Ceará e vizinhanças, morreram 500 000 pessoas de sede, inanição e epidemias, mais da metade da população do Estado.

(Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

O sentimento de impotência, de manutenção e estagnação da pobreza, do desenvolvimento em níveis baixos, a baixa escolaridade e a inexistência de percepção individual e coletiva dos direitos civis, a seca, entre outros fatores, contribuem para gerar o desejo e a necessidade de abandono do local, fortalecendo o movimento migratório.

Porque as coisas lá são difíceis, quem conhece lá sabe que é difícil, hoje também não está fácil de viver lá, é um lugar... você sabe disso, é mais complicado, lá não muda não... (JUAZEIRO)

8.3. MIGRAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

Os trabalhadores da construção civil da Região Sudeste do Brasil, em sua maioria, são migrantes das áreas mais pobres do país. A migração surge, então, como uma possibilidade real de aumentar a renda e alcançar uma vida melhor, e encontram na construção civil uma indústria acolhedora que absorve grande parte dessa mão-de-obra, entre outros motivos, pela pouca exigência de qualificação (SINTRACON SP, 2007).

Segundo dados obtidos pelo Programa Mestres da Obra em coletas de dados que se realizam no início das turmas, dos operários que frequentaram os Ateliês do Mestres da Obra entre os anos de 2005 e 2007, 17 % eram nascidos no Estado de São Paulo e 83% eram migrantes de outros estados do Brasil com predominância para os estados do Piauí, Ceará, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Minas Gerais, e Paraná.

Sendo uma característica marcante dessa população de operários, a migração ocorre, em geral, para eles, por esgotamento de recursos, de trabalho e de condições de vida, no próprio lugar de origem do migrante.

São pessoas acostumadas ao trabalho pesado que invariavelmente, ingressaram no trabalho ainda na infância, devido às precárias condições financeiras de suas famílias, cuidando da lavoura ou do gado em situações de baixa qualidade de vida e pouco acesso a educação formal, a equipamentos de cultura e de desenvolvimento humano. Porém é comum entre os trabalhadores migrantes, histórias de práticas culturais e religiosas tradicionais, especialmente quando migrantes das regiões Norte e Nordeste do país, trazem lembranças da participação em festas populares, manifestações religiosas muitas vezes práticas que envolvem música, dança e produção manual.

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral. A sua aparência, entretanto, revela o contrário. É desengonçado, torto. Reflete a preguiça invencível. Basta o aparecimento de qualquer incidente, transfigura-se. Reponta um titã acobreado e potente de força e agilidade extraordinárias."

(Euclides da Cunha, Os sertões)



Foto: Na primeira aula os trabalhadores identificam e indicam com alfinetes suas cidades de origem. Esse exercício sempre provoca grande agitação. É feito em grupo, e muitas vezes identifica a proximidade entre as cidades de origem, gerando identificações entre esses lugares e até despertando coincidências de relações pessoais, por exemplo, certa vez um descobriu que na adolescência freqüentava a festa tradicional de uma cidade próxima na qual o pai do outro era o Mestre da Festa, eles nem sabiam que eram do mesmo lugar. O exercício de, pela primeira vez depois da migração, se defrontar com o mapa do Brasil e com a distância entre a terra natal e a Grande São Paulo é extremamente rico e provocador, entre outras coisas resgata elementos das culturas locais, lembranças da infância e muitas conversas.

O movimento migratório implica na fragmentação de uma identidade. Ao deixar um território, necessariamente entra em jogo a

perda dos referenciais conhecidos. O processo de separação gera uma experiência de desamparo que na maioria das vezes é vivida como abandono.

Nesse movimento a nova situação de vida da grande cidade impõe a formação de uma nova identidade cultural que exige do indivíduo a capacidade de “reelaboração” cotidiana através de constantes interações, trocas, buscas e questionamentos, de uma “deglutição” cotidiana de inúmeras referências (REIGOTA, 1999).

Assim, o migrante começa um processo individual, profundo e complexo, disparado pelas mudanças de códigos culturais, em que as referências conhecidas já não funcionam mais onde se desfaz um conjunto articulado de valores que lhe dão a necessária sustentação para o trânsito cotidiano.

Cultura para fins deste estudo é um conjunto de referenciais que permite, a cada membro de uma sociedade determinada, movimentar-se, expressar-se, pensar, amar, trabalhar, evitar o medo e se proteger do desconhecido. Segundo Hannerz (1992) e como destaca Reigota (1999), pode-se considerar cultura, como sendo as diferentes formas de expressão de “idéias, experiências e sentimentos”. De acordo com Reigota (1999), a formação da cultura se dá e se “manifesta por meio de hábitos cotidianos”, esses referenciais, que se encontram no ambiente, funcionam como uma marca originária, promovendo os fundamentos para o desenvolvimento do indivíduo.

Para cada indivíduo a migração produzirá reações emocionais diferentes, obviamente particularizadas pelo perfil individual, pelo conjunto de valores e desejos, pela maturidade, entre outros tantos fatores, mas é interessante o fato de ser comum aos operários a emoção ao falar das coisas do local da origem, quase sempre mencionadas com orgulho e conhecimento profundo.

Tais reações sem dúvida se agravam pelas particularidades vividas pelos trabalhadores da construção civil, que pelo baixo poder aquisitivo ocupam as periferias urbanas onde enfrentam a má

qualidade de habitação, a grande distância da moradia ao trabalho, o pouco acesso aos serviços de saúde e de educação e em contrapartida vivenciam a proximidade a criminalidade com todos os seus agravos.

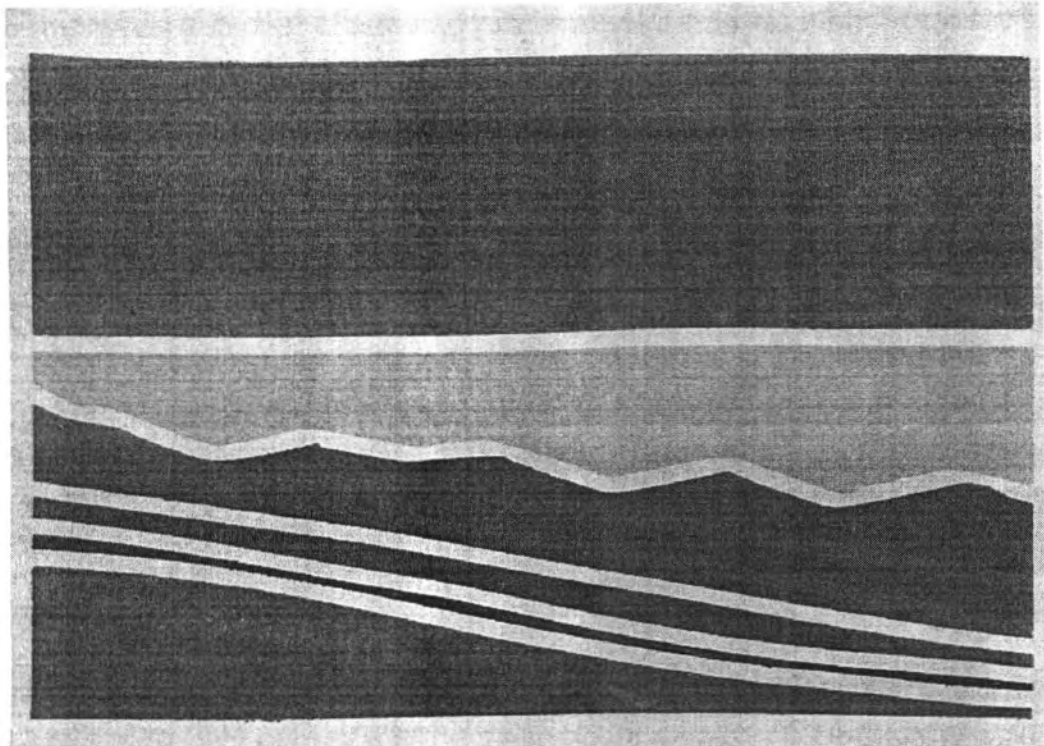


Foto: A paisagem da infância, o sertão de Sergipe, o Rio São Francisco.

Para esses indivíduos, a experiência da migração é vivida intensamente, em função das dificuldades que encontram para se adaptar às novas circunstâncias.

O operário migrante olha para a cultura da cidade grande como a de um ser superior que pode ao mesmo tempo devorá-lo ou protegê-lo da miséria, abandonado que está pelo exílio obrigatório.

Fugido da privação em seu lugar de origem, para um novo lugar que pode destruí-lo, ou salvá-lo. Nesse processo de adaptação, além da precariedade material enfrentada, para o sujeito se instalar na nova cultura torna-se necessário um relativo, mas importante abandono

interno das categorias referentes à sua cultura de origem, sem a garantia de que poderá incorporar o novo código.

Há sobre tudo uma grande desvalorização de sua cultura de origem, que se submete ao preconceito que exclui o imigrado.

A exclusão que sofre o migrante e a resistência da sociedade em aceitar o recém-chegado, com suas diferenças, reforçam o seu sentimento de desamparo (KLAUSMEYER, 1988).

8.4. O TRABALHADOR

“Não é pegar qualquer Cabra na rua não, o cara tem que ter conhecimento, tem que ser profissional!”

(declaração de um operário em aula)

Essa idéia de que “qualquer Cabra” poderia realizar as funções do canteiro, o trabalho de construção, desde que tenha força e saúde física para tanto, foi credenciada ao operário da Indústria da Construção Civil por anos até o início desta década. O termo “peão de obra” muito utilizado para referenciar os operários da construção a até bem pouco tempo, colocava esse segmento de trabalhadores no âmbito do trabalho oriundo exclusivamente da força, fato, que fazia com que alguns operários de construção se vissem como uma classe operária “abaixo” dos operários da Indústria Metalúrgica, menos organizada, menos forte.

“meu sonho era ser operário metalúrgico, trabalhar na máquina... eu queria mesmo era trabalhar na Volks, hoje já tá ficando melhor.”

(declaração de um operário em aula, 2003)

Na construção civil é comum a aprendizagem de funções com os companheiros de trabalho e a auto-aprendizagem. Invariavelmente o indivíduo ingressa na atividade da construção como servente, função básica do canteiro de obras, que significa exatamente o que a palavra diz, é a função de servir aos outros. Os serventes existem em grande número nos canteiros, são os que preparam a massa, carregam a areia, a pedra, os tijolos, e os outros materiais dando condições para que os outros construam.

Como servente, o indivíduo toma contato com todas as outras funções mais específicas do canteiro, o que permite que ele se identifique com alguma função determinada: como a carpintaria, a armação, a alvenaria, entre outras. Sendo assim, em pouco tempo ele passa para um outro nível, o de ajudante, por exemplo, de eletricista, onde começa a aprender as técnicas e segredos da profissão.

Essa aprendizagem, essa aquisição do saber, se dá nos processos do fazer, na prática cotidiana orientada pelos mais velhos. É nobre na construção civil a valorização do saber do mais velho, o respeito por aquele que sabe mais, por aquele que a mais tempo faz aquilo.

Construir um prédio é uma arte, saber apumar uma parede,
entortar um ferro... nós somos artistas de obra!

(operário em entrevista para a TV, 2006)

Esse ritmo de transmissão de conhecimento e de formação de um profissional relembra os antigos processos do fazer humano, da figura do aprendiz e do mestre, da sabedoria que só é trazida pelo tempo, que significa uma verdade absoluta, distante de falsos títulos ou subidas profissionais meteóricas.

É possível dizer que a construção civil, ao menos nos espaços urbanos da Grande São Paulo, detém ainda uma forma de hierarquia de trabalho em extinção, que rapidamente vem sendo substituída pela

capacitação para as novas tecnologias, para as qualificações que acompanham os manuais e cursos das máquinas e novos métodos de construção, processo ocorrido de maneira ampla na construção civil européia e estadunidense na década de 1990. Esses processos de qualificação tecnológica são importantes e representam um amadurecimento necessário desta indústria, porém essa característica de transmissão de conhecimento interpessoal, ainda presente nos canteiros brasileiros, também têm seu valor e é muito respeitada no Programa Mestres da Obra.

Eu sou contra-mestre. Comecei como ajudante na empresa, com toda a dificuldade, que no começo tem dificuldade; depois passei pra feitor, depois passei pra sub-encarregado, em seguida acho que uns três, quatro anos passei pra encarregado, aí um dia eu tava lá trabalhando numa obra aí, o engenheiro geral falou comigo e me perguntou se eu faria uma obra de encarregado geral de pedreiro. E eu sou um cara de desafios, fiz um desafio com ele. Isso tem o que, uns treze anos de encarregado geral de pedreiro, treze, catorze anos, tô até hoje. (JUAZEIRO)

Cada dia que passa, na obra, pra mim, você aprende sempre cada vez mais. Eu acho que não tem o bom profissional que diga que é realmente profissional, que todo dia ele não “aprende” uma coisa diferente, porque de todo jeito você está realmente aprendendo, dentro da obra é isso. (PETROLINA)

O trabalhador da construção, mesmo que sob o jugo da tecnologia, ainda não foi totalmente extirpado de seu poder criador, os macetes do ofício, passados de geração para geração de trabalhadores, são uma prova disto. Através deles pode-se prever o que as máquinas não podem antecipar. É o saber advindo do cotidiano, do concreto, do vivido que marca a trajetória histórica da luta dos trabalhadores contra o aniquilamento da natureza humana.

Dessa forma, ainda configura-se na construção civil, como base da organização de trabalho, uma estrutura de ofícios apoiada na qualificação desses trabalhadores (VARGAS, 1979).

Ó vou te falar, cada pessoa que você conhece, que seja um profissional, você aprende um pouco com ele, às vezes até um ajudante te ensina a trabalhar, só pra você ter uma idéia, eu nunca fui pedreiro, nunca fui armador mas agradeço esse pessoal que sempre me ensinaram a trabalhar, vendo os outros fazendo, você vai conseguindo aprender, um gesseiro, um pedreiro, um ceramista, um azulegista, um marceneiro, com várias pessoas você aprende no dia-a-dia. (PORANGA)

Ah! Eu percebo que eu sou um profissional, né? Antigamente eu não sabia de nada. Se você me der uma casa hoje pra fazer, eu faço e dou ela prontinha. Parte elétrica, hidráulica, parte de pedreiro. Tudo que você precisar. Então eu acho que eu sou um profissional, hoje. (MACARANI)

A experiência da grande cidade e o trabalho na Indústria da Construção Civil, das condições para um outro exercício de comportamento social, um outro jeito de ser cidadão, e a possibilidade de construção de uma história profissional. Na construção civil, quando legalmente contratado, o indivíduo toma contato com a organização sindical com maior numero de sindicalizados do país, atualmente maior que o da Indústria Metalúrgica, o que lhe dá possibilidade de perceber sua força como trabalhador. Nesse processo percebe-se em um coletivo organizado, em um segmento de classe social e em uma categoria profissional, e dessa forma, se reconhece como um profissional da Indústria da Construção Civil, este fato está sempre presente nas falas dos operários.

Eu acho que as condições de trabalho hoje nas empresas são boas. A nossa mesmo, graças a Deus, é boa, acho que a tendência da construção civil é crescer, como vem crescendo nesses últimos anos aí. É crescer. Porque, a única coisa que vai ficar mais difícil é o profissionalismo, o profissionalismo da construção civil. Que hoje ainda é pouco. (PORANGA)

Com certeza, cada dia que passa, a mão de obra se torna mais qualificada, então, antigamente a gente tinha uma pessoa que fazia um pouco de tudo, ela fazia massa, assentava piso, rejuntava, fazia a limpeza... hoje não, hoje a gente tem mão de obra qualificada e cada pessoa é perita naquilo que ela executa, então hoje tem uma pessoa que vem e passa cola, o outro vem e põe o azulejo, o outro vem e rejunta, depois tem a equipe de limpeza... Então, cada um faz a sua parte, é por isso que funciona como uma engrenagem. (SÃO PAULO)

A explosão do mercado imobiliário ocorrida nesta década, especialmente a partir de 2004, somada a inúmeras transformações tecnológicas nos processos produtivos, nos processos do fazer da construção civil, tem apresentado uma realidade diferente nessa Indústria, uma realidade de escassez de mão de obra. Há necessidade de uma urgente qualificação profissional, e de uma conseqüente mudança de postura diante dessa classe trabalhadora, que percebe esse “poder”, no sentido usado por Paulo Freire, como um aumento da conscientização e desenvolvimento de uma “faculdade crítica”. Este poder de “fazer” e de ser “capaz”, bem como de sentir-se com mais capacidade, e no controle das situações (empowerment), tem elevado a auto-estima dos trabalhadores da construção civil, que percebem cada vez mais sua importância como classe trabalhadora e como agente direto nas mudanças e no crescimento sócio-econômico da sociedade.

Ainda com base no sentido de “poder”, dado por Paulo Freire, essa transformação refere-se ao reconhecimento das capacidades desse grupo para agir e desempenhar um papel ativo, na superação de décadas de aceitação passiva e no fortalecimento desses operários como atores legítimos no desenvolvimento socioeconômico do país.

Você procura carpinteiro, não encontra, procura pedreiro você não encontra. Até na engenharia hoje está faltando.

Capacitação por que a tendência é crescer e já está faltando gente capacidade no mercado. (PORANGA)

“O que se vê, e se verá cada vez mais é o “apagão” da mão de obra da construção civil!”

(Antonio Ramalho, Presidente do SINTRACON SP)

Em novembro de 2007 enquanto eu subia para o décimo nono andar de uma obra usando para isso o elevador de obra, conversava com o “guincheiro”, profissional responsável pelo manejo deste equipamento que se assemelha a uma gaiola no exterior do corpo do prédio, e permite assim a observação privilegiada de toda a cidade.

Na subida, ele apontava em todas as direções as obras em que havia trabalhado nos últimos anos. Durante o percurso foram mais de seis obras e no topo, onde se via trezentos e sessenta graus, indicou outras dez obras. Em silêncio eu ouvia e pensava, quanto esse homem havia realizado atividades como profissional, e quanto era como trabalhador, uma pessoa significativa no crescimento da cidade. Depois de alguns segundos de silêncio ele disse: “se vê, moço, como eu ajudei essa cidade a crescer, como nós operários de obra ajudamos o país a crescer!”

(autor do presente trabalho)

Aquelas palavras saíram ao vento daquela altitude, com uma força e um orgulho que poucas vezes eu havia escutado.

Uma curiosidade é que em tempo de grande expansão da construção civil pelo qual se passa na atualidade, os “guincheiros” são disputados pelas empresas, escolhem aquelas nas quais querem trabalhar, recebem salários dignos condizentes com a responsabilidade e riscos da função e os profissionais estão constantemente, por exigências dos sindicatos e de normas técnicas, recebendo qualificações de segurança e eficiência, dentro de um permanente aprimoramento técnico profissional.

Na construção civil hoje, tá tudo muito moderno, modernizou bastante, porque, nós temos técnicos de segurança vinte e quatro horas ali seguindo nossos passos, hoje graças a Deus, o risco de acidente hoje é menor, acontece, num tem como não acontecer, mas nós temos esse controle, tem o técnico de segurança pra estar sempre orientando o pessoal, por isso que esse pessoal que conversa com você, tem um treinamento comigo lá na obra sobre respeito de segurança. (JUAZEIRO)

É muito trabalho, eu tenho cinco mês que eu não paro aqui nessa obra, só trabalhando direto, é muito trabalho e pouca gente preparada pra fazer. Eu acho tão bacana trabalhar dentro da obra. Você quer saber? Eu prefiro ficar trabalhando o dia todo, o domingo, sábado, final de semana, todo dia do que ficar em casa... (MACARANI)

Eu num quero ser um mestre de obra meia boca, quero ser um mestre de obra, num quero ser desse “tamainho” assim não, quero ser grande, com nome e com respeito aos cidadãos, quero deixar o mundo maior. (JUAZEIRO)

8.5. O CONVÍVIO COM O RISCO

Quem já teve a oportunidade de simplesmente caminhar por um canteiro de obras sabe que trata-se de um ambiente onde os riscos estão constantemente presentes. As características da construção, a utilização de máquinas pesadas, as ferramentas de corte e impacto, a movimentação de grandes objetos, instabilidades de estruturas e solo, entre outros elementos, fazem dos canteiros de obras, espaços especialmente propícios para acidentes.

Além dessas características operacionais, um outro fator faz com que a indústria da construção se torne ainda mais perigosa e se destaque sobre as outras indústrias que apresentam características de operação semelhantes, esse fator é a improvisação.

Ah! Pra falar a verdade, tem vários perigos em obra, pra falar a verdade, a partir do momento que você entra dentro dela, de sete horas da manhã até você dar cinco horas da tarde, que você toma seu banho pra ir pra casa, você pode ter certeza que existe muito perigo dentro da obra. Tanto para você como com a sua responsabilidade com seus companheiros de serviço.

Não... Medo, medo, medo eu não tenho, porque eu vivo no meio, dia a dia, com aquilo, né? Então você vai se acostumando ao dia-a-dia. Principalmente quem vive levantando prédio mesmo, subindo prédio, ele perde o medo de tudo no prédio, né? Agora pra quem não vive, vive só embaixo, com certeza tem mais medo mesmo. É um sistema nervoso. Suponhamos: Você chega aqui, está na décima quinta laje, se você chegar, subir lá pra cima você vai sentir um clima meio ruim. Você vai olhar, você vai querer sair de perto da beirada dele o mais rápido possível. Mas já pra mim, não porque eu já tenho meu sistema acostumado assim, né? É...

Comecei a primeira, a segunda, a terceira laje, e vai indo, até em cima.

(depoimentos de trabalhadores participantes do Programa
Mestres da Obra, sobre o convívio com o perigo)

O indivíduo é capaz de reagir e de se defender das forças oriundas das pressões do medo do acidente que poderiam empurrá-lo para a doença ou para a paralisia das atividades. Utiliza para isso, segundo Dejours (1994), as "estratégias de defesa" – individuais ou coletivas – na busca de um bem-estar. Estas estratégias são procedimentos de regulação para manter-se na normalidade e buscam explorar o sofrimento não com o intuito de negá-lo, mas de superá-lo através da mobilização da "inteligência astuciosa" (DEJOURS & ABDOUCHELI, 1994). Daí também, a importância de levar-se em conta a trajetória do sujeito, a sua história anterior, a sua experiência acumulada, já que estas influenciam nas respostas dadas às diversas situações, colaboram ou não para a formação de maiores condições de doenças, ou acidentes.

A necessidade de se improvisar em um canteiro de obras é uma constante, inclusive com o medo! Não há construção sem soluções de improvisação tanto nas maneiras de se fazer, de se manufaturar, quanto nas adequações de uso de equipamentos e ferramentas.

É esse constante e necessário estado de adaptação e criação, que faz do canteiro um grande ateliê, um ambiente de pura transformação, mas ao mesmo tempo a junção de todas essas condições colabora para a caracterização de um trabalho de alta periculosidade com uma constante possibilidade de acidentes.



Foto: o canteiro é um grande ateliê.

8.6. O CIDADÃO

"Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinha Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos."

(Graciliano Ramos. Vidas secas)

Quando você falava que trabalhava em obra, aí ficava aquela dúvida na cabeça do pessoal. Por que o cara achava que peão de obra é aquele tipo de pessoa que não tem um pingão de educação, analfabeto totalmente, não sabe de nada, só vive na brutalidade, e não é isso, hoje em dia mudou. A construção civil pra mim hoje é minha segunda casa, quando eu me levanto de manhã cedo, a minha vontade é de ir pro serviço, porque aquilo que eu gosto de fazer é obra... e assim eu ajudo o país a crescer. (JUAZEIRO)

Esse processo de melhoria de suas condições de vida que esses operários experimentam e que tem no centro, como motor, o trabalho profissional, é a conquista de uma autonomia pessoal, um movimento que dá a este indivíduo a possibilidade de assumir o controle sobre suas próprias vidas e a vida de sua família, um processo

de empoderamento que tem como resultado, entre muitos outros, uma melhora na qualidade de vida e na saúde do indivíduo e na de sua família.

Ah! Minha família hoje, graças a Deus, "tá" tudo... A vista do que a gente vivia lá no Norte, hoje "tá" bem estruturado. (PORANGA)

A construção civil pra mim é minha segunda casa, quando eu me levanto de manhã cedo, a minha vontade é de vim pro serviço, porque aquilo que eu gosto de fazer é obra, num sei fazer outra coisa. (JUAZEIRO)

"De" menor arrumei um serviço lá pra fazer, um bico, aí completei a idade, fiz todos meus documentos, aí comecei trabalhar. Aí comprei uns terrenos, construí uma casinha. E foi por aí. Aí comprei um sítio na Bahia também. Comprei um sítio encostado do meu pai. Minha esposa está aqui em São Paulo. Já tenho uma filha. Minha filha tem doze anos. Eu não pretendo voltar. Mas pretendo aplicar lá. Se eu ganhar um dinheiro aqui, aplicar lá. (MACARANI)

Neste sentido, o empoderamento surge por meio do ganho social e financeiro gerado por sua profissão. O indivíduo se estrutura e forma uma família, conquista bens, coisas anteriormente a ele negadas, proporciona educação, saúde e lazer para seus filhos e desenha assim uma história de progressão, alicerçada na constituição de um caminho profissional e de uma conquista da autonomia e do direito à vida com qualidade.

Estes operários, oriundos de famílias de baixa renda, com pouca escolaridade, que tiveram a brincadeira e o estudo na infância muitas vezes trocados pelo trabalho e pela luta pela sobrevivência, e que durante algum tempo foram submetidos às exigentes condições

climáticas das regiões de seca, entre outros fatores de degradação, agora tem seus filhos em escolas dos grandes centros urbanos e sonham com eles nas faculdades, sonhos que cada vez têm sido mais conquistados. Trata-se portanto, de uma importante transformação, de uma mudança de valores, de um processo de qualificação social que essas pessoas experimentam, que está diretamente ligado a suas histórias de trabalho nesta indústria.

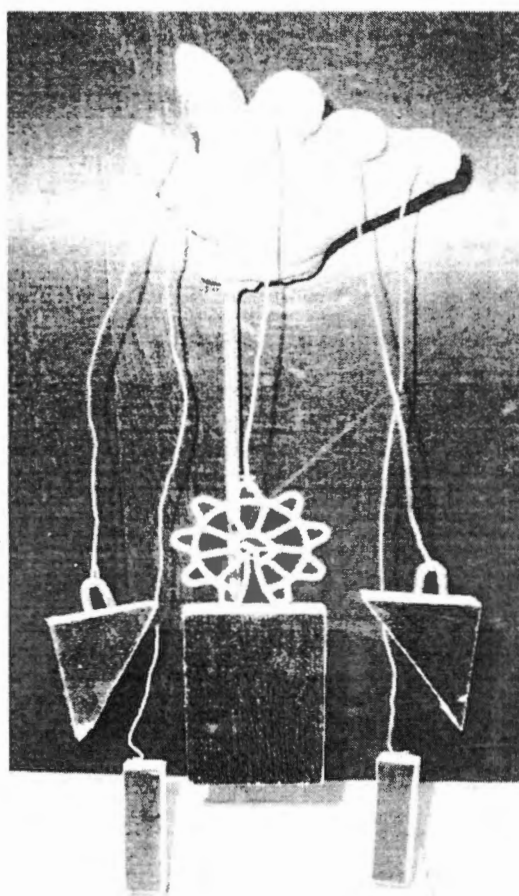


Foto: Essa obra, segundo o autor Antonio Hermino, representa a manipulação que o capital exerce sobre os trabalhadores da construção civil.

Minha responsabilidade é, se eu puder, e com fé em Deus vou conseguir, é tentar formar meus filhos pra ser gente de bem, entendeu? Pra não ser gente ruim na rua, que até hoje, eu tô provando pra mim mesmo que meus filhos vão ser gente de bem; nisso aí eu tenho que cuidar deles como se você, como é que se diz, é um ouro pra mim. Porque se eu conseguir formar meus filhos, mesmo se eu conseguir formar um... se eu puder fazer isso... eu vou fazer, com fé em Deus, penso muito nisso aí. (JUAZEIRO)

Eu acho que a minha preocupação maior com o futuro do país é sobre a política, né? Porque, pra falar a verdade, tem muito político, hoje em dia, bastante corrupto, né? Quando a gente vai votar, algumas pessoas não pensam realmente em quem votar, aí acabam mais com o futuro do país, e eu acho que é isso. Pra falar a verdade quero que minhas filhas estudem bem, que não passem nem a metade do que a gente passou. Porque quem vive do serviço bruto mesmo sofre muito mais do que quem trabalha, pra falar a verdade, com a mente, né? (PETROLINA)

8.7. A EDUCAÇÃO, A CULTURA E O LAZER

“Educação é a transformação do sujeito que ao transformar-se, transforma o seu entorno” (OPS,1995)

Os operários da construção civil, salvo raras exceções, não experimentam em suas histórias de vida muitas oportunidades de contato com a figura de um educador. Poucos são os que puderam freqüentar escolas e assim conviver com um professor em um processo de educação formal. Como adultos e moradores da Grande São Paulo não costumam acessar equipamentos de cultura e tão pouco tem a possibilidade de freqüentar escolas ou outros grupos de

estudo. Nesta pesquisa, os entrevistados repetidamente se referiram ao Programa Mestres da Obra como uma oportunidade rara e valiosa de educação, de aquisição de novos conhecimentos e de socialização.

A partir dos relatos dos trabalhadores entrevistados, pode-se constatar que há uma percepção de que o Mestres da Obra oportuniza a aquisição de cultura, a aprendizagem e o lazer.

E o dia-a-dia, pra falar a verdade, dentro da capital de São Paulo você só tem dois pensamentos: um é trabalhar, o outro é voltar pra casa. Então, quando você chega em casa você só dá atenção para as crianças e pra esposa. Então, o resto esquece. Não tem como você ter o lazer diferente, ter a cultura. Então, no final de semana, o meu lazer é em casa. Quando eu posso passar um final de semana em casa, quando não tem que vir para a obra do mesmo jeito. (PETROLINA)

O que eu quero dizer é isso: que tem muitas pessoas que, daqui mesmo, sai pra casa, não tem como passar em lugar nenhum pra aprender uma aprendizagem de nada diferente. Então ali, pra mim, no meu significado, o Mestres da Obra era pra ter em todo canteiro de obra. Pra mim, né? Porque ali significa uma coisa. Hoje você é um servente, depois de amanhã você pode ser outra coisa mais. Então, daquilo ali você tá tirando experiência. (PORANGA)

Pra mim, eu acho bastante importante, pra falar a verdade. Muitas pessoas que trabalham na obra não tem lazer, entendeu? (MACARANI)

Apesar da vida simples, quase resumida entre o trabalho e a casa, as questões do trabalho e o cotidiano do canteiro poucas vezes são assuntos levados para casa e conversados com a família. Este fato pode ter muitas explicações como a origem cultural, a falta de interesse

de se falar sobre o trabalho ou falta de interesse da outra parte em ouvir sobre o trabalho. Quando perguntados sobre se haviam comentado sobre o Programa Mestres da Obra em casa, responderam:

Falei com ela (esposa). Falei com ela que estava freqüentando a escola de arte, o Mestres da Obra, e que a gente estava aprendendo a fazer muitas coisas diferentes, arte com materiais que iam ser desperdiçados e jogados fora. (JUAZEIRO)

Falei pra ela (esposa): 'Eu gostei desse trabalho'. Eu acho que isso aí que estava precisando há muito tempo. Precisava destacar mais o profissional. (MACARANI)

Pode-se perceber pela própria fala dos participantes que o Programa Mestres da Obra proporciona uma aproximação entre o cotidiano de trabalho do operário e de sua família estimulando assim uma vivência antes pouco percebida.

Falei sim, inclusive, teve uma reportagem sobre o Mestres da Obra, meus pais, meus próprios pais já falaram: "eu vi na tevê, passou no jornal", eles falaram que acharam muito legal, e aí de vez em quando eu converso com eles, falo da importância que tem isso pra gente aqui na obra. O que eu tô falando pra você aqui, é o que eu falo pra eles lá também; a minha esposa, ela também pergunta, porque, é uma coisa que pode estar futuramente, não só aqui na construção civil, mas também, a gente pode estar levando isso daí pra outra áreas né? Então, ela conhece bastante outros setores, de plantio, de área de paisagismo, então a gente pode estar levando isso não só pra operários que mexem com concreto e armação, mas pra pessoas que mexem com plantas também, é bastante legal. (SÃO PAULO)

Em casa mesmo eu falava dele (Mestres da Obra) com os meus colegas. Tem vários colegas também que estão participando e nós falamos a respeito disso daí. (MACARANI)

Outro fator importante é valorização atribuída pelos operários à arte produzida pelo coletivo Mestres da Obra, valorização que extrapola a individualidade da produção das peças de arte trazendo para todos o orgulho proporcionado pelos resultados da visibilidade das exposições, da mídia e da descoberta de talentos. Visibilidade aos invisíveis.

A gente já sabe que já tem peça do Mestres da Obra já pro exterior, já foi lá! Tem nos tapumes das obras também. Todo pessoal que chega, a gente explica o que é isso e aquilo... A gente vai mostrar. Embaixo tem a assinatura de quem fez. Aquele ali foi fulano de tal e ele é assim na empresa, esse aqui foi fulano, ele é isso aqui na empresa. (PORANGA)

Os ateliês dentro dos canteiros representam um espaço e uma situação inusitada. No início, causam estranheza, mas aos poucos tornam-se locais de encontros, de sorrisos, de conversas animadas em torno da bancada de trabalho. O educador, como criador de condições para a ação educativa é responsável por trazer as práticas e estimular o trabalho. Na fala seguinte, o trabalhador comenta a experiência vivida em um exercício especialmente conduzido para o estímulo da memória e da identidade.

Num certo ponto teve um quadro que a gente teve que fazer, que ela pediu pra gente voltar atrás e mostrar como era a gente em nossa infância. Fazer um desenho, tipo, da nossa infância, né? E aquilo ali foi uma parte pra mim que eu me lembrei de coisas da minha infância que tava com muito tempo que eu não me lembrava. Pra mim, aquilo ali voltou atrás, numa parte minha que eu tinha praticamente esquecido. (PETROLINA)

Participar das aulas no ateliê representa uma oportunidade muitas vezes única na vida destes operários. A experiência é sempre aguardada com muita expectativa e é sempre aproveitada com muita dedicação. Os participantes consideram o Mestres da Obra uma rara oportunidade de crescimento intelectual e retribuem com imenso carinho aos educadores.

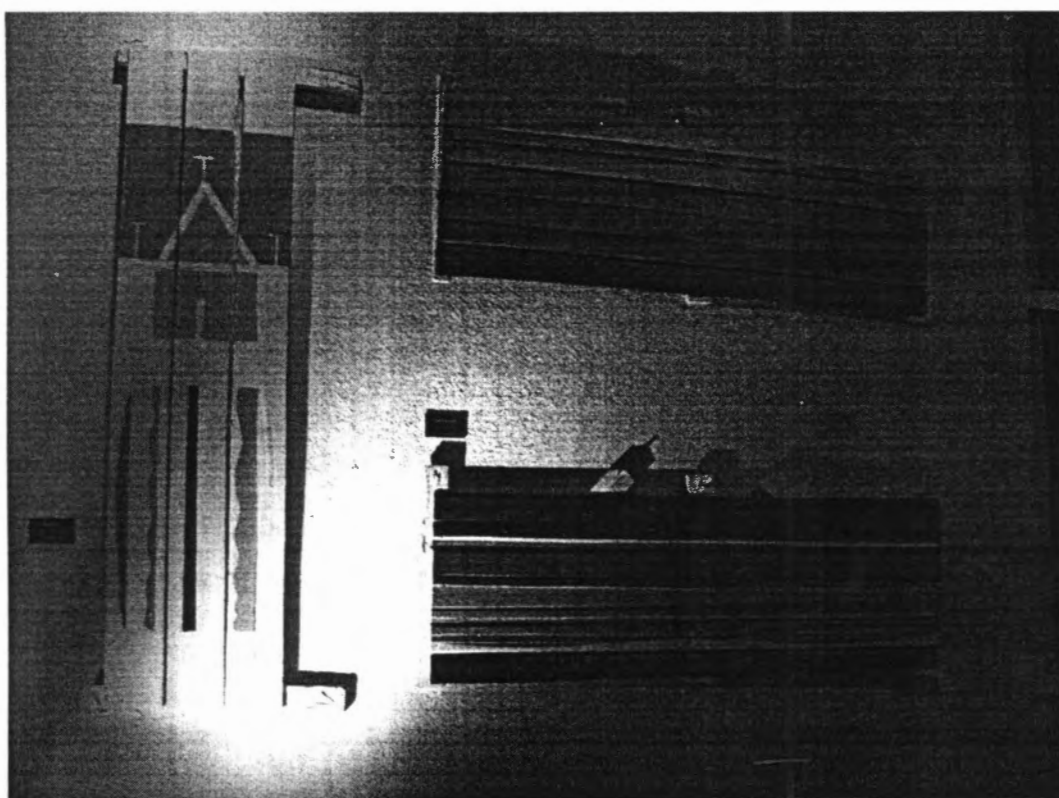


Foto: obras produzidas no Mestres da Obra em exposição em São paulo.

Quem não adora as coisas boas? Quem não gosta de crescer, né? Todo mundo... Eu falo isso pra minha filha, minha filha: "Ô pai, que maravilha, né! Você fazer um curso de arte. Não é bonito?" Eu acho isso muito interessante dentro da construção civil. Que antigamente não se via isso, né? Mas hoje... com o Mestres da Obra, eu acho que tem pessoas que precisa escutar isso aí. Então, aquilo pra mim é muito interessante, muito interessante. A coisa que eu gostei mais foi, foi terça-feira passada, chegamos a

fazer uma flores com residuo de arame. Eu adorei, achei maravilhoso aquilo lá. Inclusive falei com a professora que vou fazer uma e levar pra minha mulher e uma pra minha filha. (MACARANI)

É. Porque é a inteligência, né? Eu acho que é um desenvolvimento da cabeça, mente da pessoa. É cultura que você vê lá. É igual uma criança, ela vê um desenho, ela quer fazer um. Eu acho importante, né? Muito importante. Porque é cultura, né? E a cultura já vem de muito tempo. Então é uma coisa que tem que preservar. Por que isso, se esquecer, se não fizer, acaba. (PORANGA)

Você vê no rosto dos caras como é que é, você pode subir e falar com qualquer um desses que fez o curso, eles vão dizer: “adorei o curso, é maravilhoso”, é isso que eles vão falar. (JUAZEIRO)

Estimar-se, respeitar-se, ter consciência de que é uma pessoa única, isso tem significados sobre o ser e o agir, sobre a auto-estima, sobre a memória, a identidade e a cultura.

É importante, é importante porque você está dando quase uma nova vida pro funcionário, que ele quer aprender alguma coisa também entendeu? O funcionário, se ele aprendeu alguma coisa com você lá, no outro lugar na obra ele vai dizer: poxa, eu fiz um negócio tão bonito lá, porque eu não posso fazer um negócio bonito aqui na obra? Ele vai se sentir importante na empresa, e isso pra nós é gratificante. (JUAZEIRO)

A prática no Mestres da Obra é vista muitas vezes como uma intervenção momentânea no ritmo de trabalho do cotidiano. Esta intervenção é uma novidade e é percebida por alguns operários como um momento para exercitar algo, que por preconceito, eles acham que não exercitam, a mente. A aula, nesse ponto de vista, é um momento

para priorizar o uso de inteligências que eles consideram de pouco uso em seus cotidianos. Esse estímulo de outras inteligências é valorizado como algo que depois, no retorno para as atividades cotidianas do canteiro, ajuda a resolver problemas corriqueiros, amplia a capacidade de enxergar soluções. Há muitos relatos de operários referenciando a prática do Mestres da Obra como algo que ajuda a “ter mais idéias”, que propicia um aumento da criatividade. Essa idéia é percebida nos depoimentos a seguir:

Desenvolve um pouco da mente. Era assim... está “facinho” e eu não estava nem percebendo. Acho que o cara vem do Mestres da Obra, lá ele usa um pouco a cabeça, quando ele volta pro trabalho dele, vê mais fácil. (PORANGA)

No canteiro aonde tem o Mestres da Obra, o pessoal fica mais incentivado no trabalho, né? Fica mais esperto no serviço. Então isso é muito bom. Onde não tem o Mestres da Obra, é mais desligado o pessoal. (MACARANI)

Não atrapalha. Eu acho que cada um aprende fazer alguma coisa, porque tem tudo a ver... tem tudo a ver o que faz aí no Mestres com o canteiro de obra. Tem tudo a ver com a obra. Ah! Acabei de fazer isso aqui assim e assim. Se seu fizer assim acho que vai dá melhor. (PORANGA)

Na realidade o Mestres da Obra com suas atividades no Ateliê têm criado para os trabalhadores da construção civil condições de experimentação, de manifestação de idéias jamais antes experimentadas em outras circunstâncias. Esse exercício do experimentar, pouco realizado no trabalho do cotidiano, aumenta a autoconfiança, amplia a percepção dando condições para o surgimento

de pontos de vista simultâneos, múltiplos e diferenciados, o que de certa forma por tudo isso, torna o trabalho de construir mais eficiente.

De qualquer modo o que se percebe é que valorizar questões como a variedade na natureza das tarefas, a aprendizagem, a autonomia, o reconhecimento e a segurança também são fundamentais para que o trabalho tenha sentido e se qualifique.

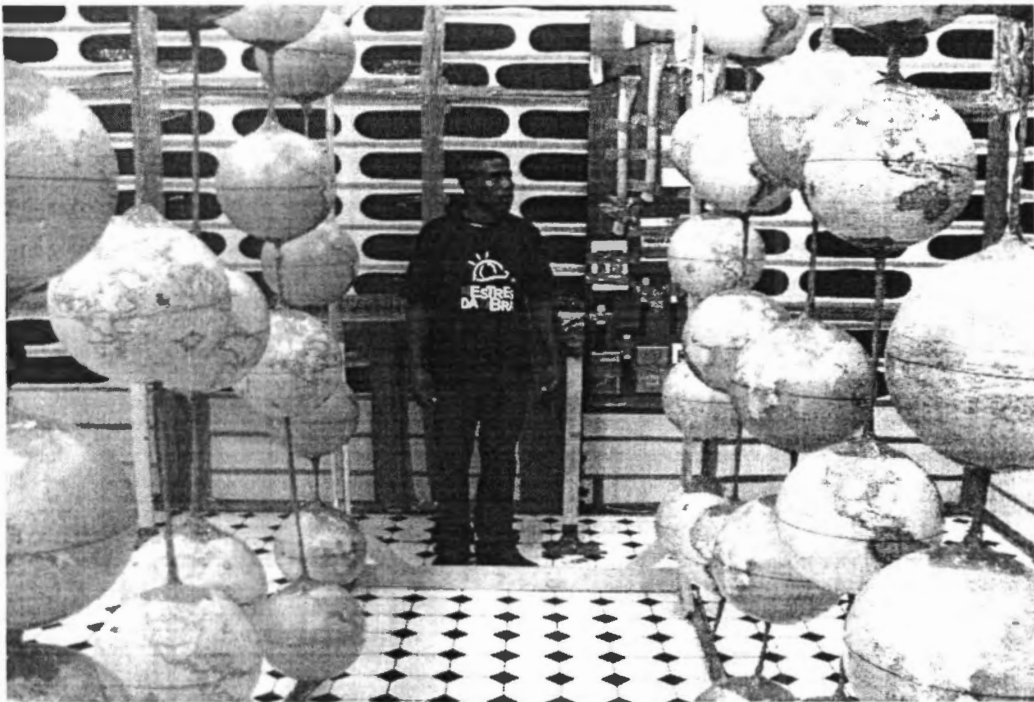


Foto: Visita a Bienal de Arte de São Paulo, encontro com “novos mundos”.

A maior eficiência no trabalho por conta da melhora na comunicação, do exercício da criatividade, e de um ganho de autonomia nas atividades do trabalho cotidiano, merece estudos mais aprofundados, mas são elementos de fato percebidos pelos educadores do Mestres da Obra e continuamente relatados por operários, por supervisores, engenheiros e técnicos de segurança, que percebem esses resultados na prática do cotidiano.

No relato a seguir, o engenheiro doe um canteiro que tem um ateliê implantado, relata essa percepção como algo significativo e positivo:

Eu assim, eu, eu sou, sou franco em dizer que, o programa Mestres da Obra auxilia muito o pessoal aqui da obra, tá? Eles, assim, eles têm um incentivo a mais, dá pra você notar, fazer uma comparação de antes da gente ter esse programa aqui na obra, e o depois... Então, tinha operários que você tentava falar com a pessoa, até pelo jeito de falar, você via que a pessoa era super tímida, num falava com ninguém aí, a pessoa muda, em conjunto com a professora, eles perdem até aquela timidez e começam a expor os seus pensamentos né? E isso eu acho muito legal porque, quando a pessoa expõe o seu pensamento, ela acaba aumentando a produtividade, porque ela começa a falar aquilo que ela acha, e ela começa a defender um lado particular dela, o que antigamente muitas pessoas não tinham por causa da timidez, então ela falava: "não, vou ficar quieto na minha, meu chefe mandou eu fazer desse jeito, eu vou fazer e, se tiver errado, depois eu faço de novo". Num é mais assim que eles pensam, o chefe fala, e eles: "Não, mas espera aí, mas desse jeito aqui num é melhor?, daquele jeito num é melhor?" Então, isso ajuda eles lá na obra, devido à expressividade deles que melhora muito. Fora isso, tem as belas obras de arte que eles fazem né, que eu fico às vezes, bobo de ver a criatividade deles, é muito interessante, e isso daí eu acho que num tem preço. O Mestres da obra eu acho que acaba educando eles tanto fora do serviço, quanto dentro do serviço, é um aprendizado a mais pra eles como indivíduos, eles se tornam cidadãos mais cultos, vamos dizer assim. Ajuda muito a gente aqui na obra também, e eu acho que na vida particular deles, também ajuda muito. (SÃO PAULO)

A gente geralmente tem reunião lá no escritório da empresa e a gente aproveita esses momentos que estamos juntos pra poder conversar. E aí um fala: "E aí, a sua obra como é que tá? E a sua? Geralmente aparece o assunto Mestres da Obra né? E o que eu falei aqui pra, para você aqui, realmente, é um pouco de tudo que eu escuto também dos outros engenheiros; os outros engenheiros

tão comentando né? Assim, eles falam muito bem do Mestres da Obra. (SÃO PAULO)

Agente hoje, por motivo de às vezes falta de espaço no canteiro, a gente organiza uma sede numa obra, mas a gente tem o rodízio de operário, então de repente um operário que teve curso aqui na obra do IEPE, vai trabalhar no Cambuci e..., então isso daí favorece a empresa como um todo. Então, os engenheiros, assim, em geral, eles falam muito bem também do Mestres da Obra. (SÃO PAULO)

Tem diferença entre um canteiro com e outro sem o Mestres da Obra. A pessoa muda, ela fica uma pessoa mais aberta a idéias novas. E isso é o que a gente procura, a gente procura pessoas que também dão alguma opinião, não ficam simplesmente fazendo um serviço: "Ah, o chefe mandou, eu vou fazer desse jeito", não, a gente quer pessoas criativas. E é exatamente esse lado da mente das pessoas que vocês estão treinando aqui, é a criatividade deles, então eles acabam expandindo essa criatividade. (SÃO PAULO)

Esses resultados experimentados se apóiam de certa forma nas reflexões de Paulo Freire, no sentido que "enquanto sujeitos desse processo de educação, esses indivíduos refletem criticamente sobre o seu ambiente concreto e sobre suas realidades, tornando-se gradualmente conscientes e comprometidos, tornando-se capazes de intervir e transformar o mundo".

A declaração do engenheiro sobre a busca por pessoas "que também dão alguma opinião", fortalece a prática dos ateliês que procura provocar permanentemente o exercício do "escutar" e do ser "escutado".

Essa percepção relatada pelo engenheiro atribui valor ao Programa Mestres da Obra como prática de aprendizagem no sentido

dados por Paulo Freire. Para Freire, o fundamental da aprendizagem é a capacidade que ela proporciona de “ler o mundo”, em um exercício de problematização e conscientização, onde está implícita uma discussão sobre cultura entendida como possibilidade de ação do Homem sobre o seu mundo, transformando-se e ao mundo (FREIRE, 1970).

“ a existência, porque humana, não pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os Homens transformem o mundo. Existir humanamente, é “pronunciar” o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir dele novo pronunciar. Não é no silêncio que os Homens se fazem mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.”

(Paulo Freire)

Esse exercício é transformador, e como processo de transformação do sujeito, que ao transformar-se, modifica seu entorno, tem conseqüências nos ambientes de trabalho e na qualidade de vida deste trabalhador (OPS, 1995).

“... muda que quando a gente muda, o mundo muda com a gente, a gente muda o mundo na mudança da mente, e quando a gente muda a gente anda pra frente...”

(Gabriel pensador)

8.8. REFLEXÃO FINAL

A partir de meados da década de 1990 a Indústria da Construção Civil vêm implantando programas de inovações tecnológica e organizacional. Surgiram também no mesmo período com muita força e aceitação nessa indústria os Programas de Qualidade Total e racionalização dos sistemas produtivos e reengenharia, e bem mais discretos acompanhando o movimento ensaiaram-se neste período os primeiros programas de gestão de recursos humanos no setor, especialmente as escolas de alfabetização. A adoção de todos estes programas sempre foi muito justificada pelas empresas, por seus aspectos econômicos expressos nas seguintes referências: tornar a empresa mais dinâmica, impactar de modo positivo a produção, tornar a empresa mais competitiva, refletir na imagem, no “social” da empresa, possibilitar a descentralização da gestão, oferecer produtos com mais qualidade, melhorar a imagem institucional, entre outros.

Porém, nenhum outro movimento teve tanto impacto prático na Indústria da Construção Civil quanto os Programas de Gestão Ambiental implantados a partir do final da década de 1990. Sem dúvida foram estes programas de qualificação ambiental os que mais envolveram a força de trabalho dos trabalhadores e por necessidades intrínsecas aos processos por estes programas propostos, integraram os canteiros de obras com estruturas e sistemas externos, com políticas públicas, com legislações, plantas de gerenciamento de resíduos e unidades de beneficiamento de materiais. Uma vez que o sucesso de tais programas dependia exclusivamente da participação de todos os envolvidos diretamente na produção e no descarte destes resíduos, o “movimento de qualificação ambiental” empregado pela Indústria da Construção Civil nos canteiros de obras abriu um novo horizonte para a busca do desenvolvimento de mudanças profundas

nestes espaços de trabalho, uma vez que trouxe consigo a necessidade de um suporte educacional permanente que contribuí-se para a construção de atitudes e valores. Pela primeira vez na história dessa indústria iniciou-se uma reflexão sobre a relação existente entre as atividades por ela executadas, o ambiente e a sociedade. Ocorreu neste segmento da indústria, o que até então foi escasso, o questionamento sobre o nível de transformação que essa Indústria da Construção Civil exerce sobre a paisagem e suas conseqüências de médio e longo prazo, principalmente nos grandes centros urbanos, em seus arredores e nas áreas de extração e tráfego de matérias primas.

Toda essa realidade criou condições para a introdução de uma educação problematizadora nos canteiros de obras, que ganhou espaço como instrumento fundamental para a mudança das práticas, comportamentos e mais que tudo dos valores no cotidiano dos canteiros. Como processo de educação política que é, a introdução destas práticas de educação ambiental, oportunizou experiências pioneiras de transformação da realidade, de reflexão sobre a cidadania, de ações de transformação, e especialmente fortaleceu a discussão no setor sobre a necessidade da melhora da qualidade de vida e da necessidade de se promover a saúde nestes ambientes de trabalho.

Nesse contexto surgiram condições para o desenho de uma idéia chamada Mestres da Obra, que só seria possível como parte integrante e resultante dessa realidade, como prática e exercício de educação problematizadora, como ação de qualificação da saúde destes espaços de trabalho.

O Mestres da Obra aconteceu imerso na realidade de que essa Indústria iniciava uma profunda transformação, em que não só seus processos construtivos e operacionais estavam em questão, mas de forma significativa, seus processos de relações humanas e ambientais dentro e fora dos canteiros de obras, também estavam.

Não há dúvidas que uma transição de consciência, de valores e de posturas esteja em operação e que essa indústria, pelo menos no

segmento formal, esteja procurando adaptação, por um lado às exigências impostas por um contexto contemporâneo de humanização do trabalho e por outro de um mercado consumidor que procura sustentabilidade social e ambiental no que consome.

É essa realidade de absorção de inovações, de qualificação social e ambiental, que permite compreender a existência de ateliês de arte dentro dos canteiros destas obras.

Há que se destacar que, a empresa universo desta pesquisa e de parte desta prática, deve ser considerada “de ponta”, “progressista” e/ou “moderna” dentro do setor em questão, e sendo assim é preciso entender que a ampliação de atividades similares para outras empresas deve tomar tempo para acontecer.

Porém, mais importante que o tempo é o entendimento que essa prática como uma política aplicada de valorização dos recursos humanos, como uma estratégia de bem estar, de promoção da saúde, de melhora de qualidade dos ambientes de trabalho da construção civil experimentada e mantida, efetivamente por seis anos, e por estar até o presente momento ainda viva, pressupõe a possibilidade de replicabilidade, de existência em maior escala.

É fato que programas de qualificação humana em canteiros de obras enfrentarão dificuldades nessa indústria onde ainda se lida com a manutenção do poder e da exploração da força de trabalho, mas a existência de poucos exemplos positivos indicam a possibilidade e a esperança de visualizar um futuro diferente, melhor.

Do ponto de vista técnico, hoje, o Programa Mestres da Obra funciona como uma célula de promoção da qualidade de vida no canteiro de obra, um dispositivo prático para o surgimento de um canteiro diferente, de um ambiente de trabalho diferenciado, no caminho para um conceito ideal, no qual este trabalho produzirá, de alguma forma, satisfação nas pessoas, bem como será propiciador de equilíbrio mental e de saúde.

Para DEJOURS (1997), esse trabalho inclusive poderia conferir ao organismo uma resistência maior contra a fadiga e a doença, contra os vírus e as condições climáticas.

Nessa relação existente entre saúde, doença e trabalho, esse trabalho não será uma fonte de doença ou de infelicidade, ao contrário, ele às vezes será operador de saúde e de prazer (DEJOURS 1992).

O trabalho nunca é neutro em relação à saúde, ele favorece seja a doença, seja a saúde"

(DEJOURS, 1992)

Desta forma, entende-se a não neutralidade que o trabalho têm em relação à vida e à saúde das pessoas, ao mesmo tempo que oprime, liberta, produz saúde e doença, é fonte de prazer e de angústia

(MOREIRA, 2000)

Tendo como suporte os resultados dos depoimentos obtidos nos canteiros pesquisados, pode-se dizer que estes trabalhadores devem estar no centro do processo de qualificação por que passa essa indústria, onde mais que parte integrante, esses trabalhadores podem ser os mantenedores de um processo que possa se fortalecer e não regredir.

Esses trabalhadores que tomam contato com atividades como as propostas pelo Programa Mestres da Obra e outras qualificações como os programas de gerenciamento de resíduos sólidos, de segurança de trabalho, entre outros, e, diante de uma realidade de persistente escassez de mão de obra, provavelmente irão não mais tolerar a precariedade do tradicional trabalho da construção civil, pois percebem a importância dessas atividades não só para suas próprias vidas, mas para a qualidade de vida de suas famílias e para a sociedade.

Os depoimentos colhidos mostraram que, na perspectiva dos operários, e das chefias, o Programa Mestres da Obra tem implicações no dia-a-dia da obra e no cotidiano dos operários, o que permite supor que intervenções desse tipo além de necessárias são muito bem vindas em novos ambientes de trabalho da Indústria da Construção Civil e podem promover ambientes cada vez mais saudáveis.

Esta prática, portanto que se situa em um universo de características próprias e marcantes, tem provocado um efeito transformador altamente positivo nestes trabalhadores, tanto nos canteiros de obras quanto nos ambientes administrativos da empresa.

Vale destacar que o Programa Mestres da Obra tem provocado efeitos em contextos externos ao universo foco da ação educativa, fato que ocorre por consequência do efeito de visibilidade provocado pela arte, ou melhor, pela comunicação produzida, que adentra espaços distantes dos canteiros, como galerias, centros de cultura, plantões de venda, mídia entre outros.



Foto: Exposição Mestres da Obra, São Paulo 2006.

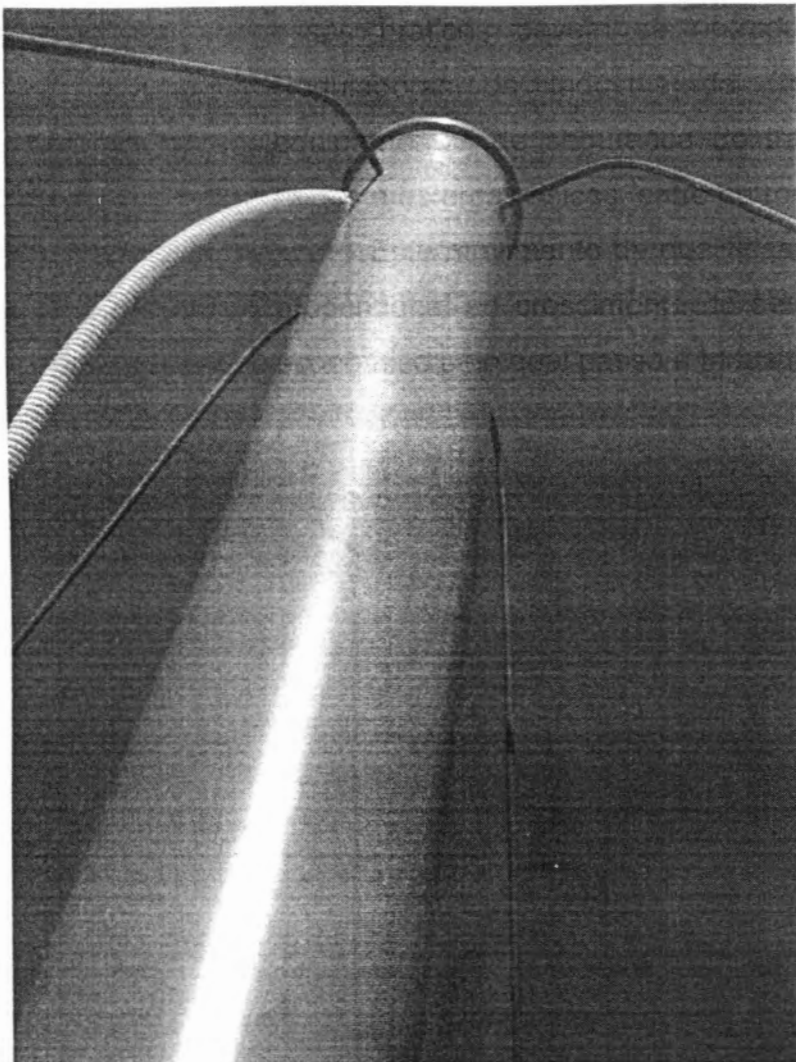


Foto: Luminária Vírus. Presença em duas exposições internacionais de arte e design.

Esse efeito de comunicação, percebido neste estudo, merece uma reflexão mais aprofundada por conta da complexidade de elementos envolvidos, mas aparece nitidamente na fala dos participantes que percebem esse resultado como valorização de um coletivo do qual fazem parte, e que tem grande significado do ponto de vista do fortalecimento social deste segmento de trabalhadores.

Ao encerrar esta reflexão torna-se importante enfatizar que será cada vez mais fundamental o desenvolvimento de práticas de educação, e de ações para a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida para estes trabalhadores dentro desta indústria, e

essas práticas devem ser introduzidas no contexto das Normas Reguladoras da Indústria da Construção Civil, bem como os equipamentos de segurança do trabalho, os níveis de exposição a ruídos e esforços físicos, entre outros.

Este movimento de qualificação destes ambientes de trabalho é proporcional ao crescimento do setor, é inerente ao desenvolvimento econômico pelo qual passa a Indústria da Construção Civil no Brasil.



Foto: Construção de uma Chaise Longue após estudo sobre o arquiteto Le Corbusier. Esse trabalho foi realizado em um canteiro de obras de um museu projetado por Paulo Mendes da Rocha. O fato dos trabalhadores desconhecerem a relevância daquela arquitetura, levou os educadores a trazerem como estudo o “traço” da arquitetura modernista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

9.1. MESTRES DA OBRA, UMA PRÁTICA “EM CONSTRUÇÃO”.

Muitas vezes me perguntei o que estávamos fazendo ao realizar o Programa Mestres da Obra, continuo me perguntando isso a cada dia.

Dúvidas são sempre uma constante do processo, talvez elas sejam no fundo, o motor da criação, da recriação, da construção permanente.

É difícil dizer por quantos caminhos de reflexão podemos enveredar no cotidiano de trabalho deste Programa, frentes completamente distintas que terminam quase sempre em novas questões. Essas incertezas se dissolvem pela compreensão de que o trabalho caminha no sentido por onde deve ir, guiado por muitas forças, sentidos, sinais e significados, que de maneira alguma controlamos na totalidade, podendo ser até, um movimento composto em sua maioria, por elementos que nem sequer percebemos.

A pouca existência de receitas e modelos promoveu e continua compondo uma história de trabalho experimental. Em todos os aspectos formadores deste Programa, a experimentação e o aprendizado são constantes. Todo o tempo é permeado por erros, retornos, avanços temporários, reflexões e uma imensa satisfação nos acertos que se unem e marcam assim os momentos de amadurecimento da prática.

É difícil afirmar com clareza por que os idealizadores desta prática escolheram a Indústria da Construção Civil como espaço de ação. É possível encontrar uma lógica no fato dos profissionais envolvidos terem ligações com essa indústria, porém naquele momento, no instante da idéia, elas eram tão pouco sólidas e a vida era tão volátil para aqueles dois jovens, que apesar de ser esta

proximidade a provável resposta, creio no fundo haver outros elementos para a escolha da Indústria da Construção Civil.

Sem dúvida nenhuma, havia uma enorme vontade de fazer arte e esse foi um grande estimulador da idéia quando não existiam ainda perspectivas mais amplas. O prazer na transformação dos materiais, na manipulação das texturas e formas foi muito importante para o nascimento desta prática e é provavelmente ainda, essência, a alma do Programa Mestres da Obra. É importante essa compreensão para o entendimento de que existe nesta prática, de forma profunda, a energia da produção artística, da bancada de trabalho, do espaço de magia, do ateliê que transforma e projeta a criação, que funde elementos mentais e espirituais com o fazer com as mãos, com a racionalidade da manufatura, com os materiais e com a emoção, e isso é, para aqueles que experimentam com vontade, um processo de imenso prazer, de transe, de profundo significado, de encontro com o ser interior e com novos mundos.

Daniel M. Cywinski,
Janeiro de 2008.



Obra: “Quando menos é mais”

Autor: Antônio Tavares de Souza

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONE, R. E. M. Canteiro-escola: trabalho e educação na construção civil. São Paulo: EDUC, 1999.

BECKER, Fernando. O que é Construtivismo? Série Idéias n. 20. São Paulo: FDE, 1994. Páginas: 87 a 93 Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=011. Acesso em 10 de novembro de 2007

BLANES, D.N. O trabalhador acidentado na construção civil: sua trajetória na busca de seus direitos. São Paulo, 1992. (Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

BRASIL. Ministério do Trabalho. Secretaria de Emprego e Salário. Segurança e saúde no trabalho, legislação - normas regulamentadoras. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br> Acesso 02 de julho de 2006.

BRESSER ,P. L .C . O Segundo Consenso de Washington e a quase estagnação. Revista de Economia Política. Vol. 23, n. 3 (91), jul/set, 2003.

BURCKHART,G.; SCHULTE PA.; ROBINSON C.; SIEBER WK.; VOSSENAS P.; RINGEN K. Job tasks, potential exposures, and health risks of labourers employed in construction industry. Am J Ind Med 1993

CANO, W. Notas para um cenário migratório no Estado de São Paulo. Revista da Fundação SEADE, São Paulo, 1996

COELHO V.P. Visitando a história a partir de memórias femininas: mudanças e permanências na socialização da mulher - 1960/1990. São Paulo, 2001. (Tese Doutorado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

COUTINHO, L. A terceira revolução industrial. Economia e Sociedade, Campinas, 1992.

CUNHA, E. Os sertões. Disponível em:

<http://www.casaeuclidiana.org.br>. acesso em 10 de março de 2008.

CYWINSKI, M. M. Centro Social Santo Alberto: uma experiência de participação popular. São Paulo, 1990. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

CYWINSKI, M. M. Repercussões do Programa de Renda Mínima de Santo André/SP – Família Cidadã (1998–2001) nas trajetórias de famílias. São Paulo, 2007. (Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

DANIEL, C. A. Perspectivas que o desenvolvimento local e a distribuição de renda abrem à construção do socialismo: Poder Local e Socialismo. Celso Daniel (et al). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

DE LUCCA, S. M. R. Epidemiologia dos acidentes de trabalho fatais em área metropolitana da região sudeste do Brasil, 1979-1989. Rev Saúde Pública, 1993

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 54(14): 7-11, 1986

DEJOURS, C. Normalidade, trabalho e cidadania. *Cadernos CRP*, 06: 13-17, 1992.

DEJOURS, C.,. *A Loucura do Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1997

DEJOURS, C. & ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do Trabalho, In: *Psicopatologia do Trabalho* (M. I. S Betiol, coord.), pp. 119-143, São Paulo: ATLAS, 1994.

DEJOURS, C. *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas, 1996.

FARAH, M. F. S. Formas de racionalização do processo de produção na indústria da construção. Encontro Nacional da Indústria da Construção – Enco, 10. Gramado, 1990.

FARAH, M. F. S. *Processo de trabalho na Construção Habitacional: tradição e mudança*. São Paulo: Annablume, 1996.

FERNANDES, F. *Nova República?* Rio de Janeiro. Zahar , 1986.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional por amostragem de domicílios, PNAD – síntese de indicadores, 1999*. Disponível em: <http://www.ibge.br/estatisticas>. acesso em 15 de novembro de 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro. Edições Paz e Terra; 1970.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 38ª. Edição. Rio de Janeiro. Edições Paz e Terra; 2004.

GIL AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 edição. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Rafael da Silveira. A produção social do infortúnio: acidentes incapacitantes na construção civil do rio de janeiro. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2003.

HANNERZ, U. Cultural complexity: studies in the social organization of meaning. New York: Columbia University Press, 1992

HOBSBAWN, E. J. Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOSHMAND, M. S. Parteias de Regência, ES: os múltiplos sentidos do ato de partejar. São Paulo, 2004. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo).

JACKSON, S.A., Loomis D. Fatal occupational injuries in the North Carolina construction industry, 1978-1994. Appl Occup Environ Hyg, 2002.

KLAUSMEYER, M. L. O peão e o acidente de trabalho na construção civil do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1988. (Dissertação de Mestrado em Educação, Departamento de Filosofia da Educação. Fundação Getúlio Vargas).

LABONTE, R. Estratégias para la promoción de la salud em la comunidad. In: Organización Panamericana de la Salud. Promoción de

la salud: uma antologia. Washington DC: OPAS; p. 153-65. (OPAS – Publicacion Científica y Técnica, 557), 1996.

MARSCHALL, T.H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

MINAYO MCS. Pesquisa Social, 2ª edição Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

MOREIRA, Marilda Maria da Silva. Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento. São Paulo, 2000. (Dissertação de Mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública).

OLIVEIRA, P. R. SANTANA, S. V. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 797-811, mai-jun, 2004.

ORGANIZACIÓN PAN-AMERICANA DE LA SALUD (OPAS). La administración estratégica: lineamientos para sus desarrollos: los contenidos educacionales. Washington (DC), 1995.

OSTROWER, F. Criatividade e Processo de Criação – 15ª edição. Petrópolis, RJ, Vozes, 1987.

PAUGAM, S. O conceito de desqualificação social. Por uma sociologia da exclusão social – o debate com Serge Paugam; Maura Pardini Bicudo Veras. São Paulo: Educ, 1999.

POCHMANN, M. A Proteção Social na Periferia do Capitalismo: considerações sobre o Brasil. São Paulo em Perspectiva, 18(2), p.03-16, 2004.

PELICIONI, M. C. F. PHILIPPI, J. A., (editores). Educação Ambiental – Desenvolvimento de Cursos e Projetos. São Paulo: Signus, 2000.

POCHMANN, M. Proteção Social na Periferia do Capitalismo: considerações sobre o Brasil: São Paulo: Fundação Seade, v. 18, 2004.

POLLAK, M. Memória e esquecimento. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro vol. 2, nº 3, p.3-15, 1989.

QUEIROZ, 1991

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 16. ed. São Paulo, Martins, 1967.

REIGOTA M. Ecologistas / Marcos Reigota – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

RINGEN K, Seegal JL, Weeks JL. Construcción. Disponível em: <http://www.mtas.es>. Acesso em 12 de julho de 2007.

ROSANVALLON, P. A nova questão social: repensando o Estado Providência. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998.

SOROCK, G.S.S. Fatal occupational injuries in New Jersey construction industry 1983 to 1989. J Occup Méd, 1993

SANTANA. VS, OLIVEIRA. R. Trabalho e saúde na construção civil em uma área urbana do Brasil. Cad. Saúde pública 20 (3): 797 – 811, 2004.

SAURIN TA, Formoso CT. Subsídios para aperfeiçoamento da NR-18. Qualidade na Construção 1999; 20:36-43. loskeletal symptoms. Appl Ergon, 1987.

SINTRACONSP: Sindicato dos trabalhadores da construção civil de São Paulo.

TELLES, V.S. Questão social afinal, do que se trata?". In: São Paulo, Fundação Seade; v. 10; 1996.

THÉRY, H.; MELLO. N. A. Atlas do Brasil: Disparidades e Dinâmicas do território. Editora da Universidade de São Paulo, 2005

VARGAS, M. Organização do trabalho e capital – Um estudo da construção habitacional. Rio de Janeiro, Coppe/URFJ, 1979.

WALLERSTEIN, I. Pablo Gentili (org). A reestruturação capitalista e o sistema – mundo". In: Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Buenos Aires: GLACSO, 2000.

ANEXOS

POEMAS
ANTONIO HERMINO

MESTRES DA OBRA

**Isolados ouvimos apenas o som do trabalho
Defendemos nossos pequenos territórios
Nenhum de nós conseguimos enxergar
O vulcão adormecido em nossos corpos**

**Porém um dia ainda meninos conseguimos sonhar
Tínhamos a capacidade de imaginar todo o universo
Algo espontâneo como nossos próprios sorrisos
Assassinados pelo tempo e por nós mesmos**

**Aparece então três navalhas
Forjadas pelos próprios desejos e sonhos**

**Cortando o silêncio de nosso esquecimento
Estraçalhando em pedaços a falsa moral**

**Nunca estivemos tão perto das estrelas
Nunca encontramos um alento entre nós mesmos
Fomos rebatizados com a dignidade**

**Agora podemos olhar com a cabeça erguida o que éramos
Batermos em nossos peitos gritando ainda estamos vivos**

OBRIGADO DARMA

Seus sonhos nos tiraram do coma em que vivíamos

PÉTALAS DE OUTONO

O vento toca teus cabelos
Suavizando seu rosto
Mas as lágrimas ainda caem
Cachoeiras de amargo gosto

Lábios trêmulos talvez medo
Escondido atrás de um sorriso
Intenso como a lei da gravidade
Levando-me a um novo paraíso

Árvores fortes perderam as folhas
O outono acabou de passar
Para mim continua sendo primavera
A estação para te amar

CIDADE

**Odores fortes se misturam ao vento
Embriagando seu corpo e sua alma
Alimentando o desespero neste momento**

**Várias feridas brotam de seu corpo
Nas veias sangue e pus juntos a correr
Náuseas e ânsias se tornam freqüentes
Mesmo assim tenta de algum modo sobreviver**

**Lágrimas do seu escuro começam a descer
Um armagedon de águas implacáveis
Correm na sua face triste e nos membros cansados
Forte dor no ventre agora interminável**

**Ruídos intensos proliferam de todos os lados
Imensas lâminas estraçalhando seus ouvidos
Implora aos reis por um momento de misericórdia
Em vão seus lamentos ficam esquecidos**

MENINAS

**Crianças chorando com pés no chão
Tentando lutar para ganhar o pão.
Seus pais de perderam na escuridão
Ficaram sozinhas em meio a multidão**

**Rosto pequeno cicatrizado por ódio e dor
Buscando ajuda nas vielas do rancor
Sombras se escondem em avenidas e esquinas
Não são mulheres fortes, não passam de meninas**

**Seus corpos cobiçados já não lhes pertencem mais
Todos os seus sonhos ficaram para trás
Com uma delas talvez você de deitou
Sacio o desejo pago apenas pelo que busco.**

PRELÚDIO DA MORTE

**A rua toda escura e a presença de morte
Já foram lançados os dados da sorte**

**Um leito roxo, o início da desgraça
Vida e morte, caçador versos caça**

**Cheiro de flores o sangue arde nas veias
Olhos resignados vêem sobras nas telhas**

**O corpo imóvel sente a presença
Faíscas de fogo marcam a sentença**

**Talvez seja o medo de morrer
Sempre existirá aquele que não pode viver**

**Visões reais com sonhos se misturam
A cabeça em turbilhão ouve vozes que murmuram**

**Com a boca seca e os tímpanos adormecidos
Existe apenas o último sentido**

**Um campo de lutas está devastado
Se torna cemitério de ilusões marcado**

**As portas se fecham nesse momento
Marcas do passado viram tormento**

Parecem catástrofes geradas por atos a tróz
Iguais aos pousos do albatroz

Os passos dos vivos dizem coisas inúteis
Eles tentam uma desculpa , parecem serem úteis

A este tempo não pertence mais
Um navio destroçado antes de chegar ao cais

CHUVA

Escuto a sinfonia do bater dos pingos
Parecem respeitar uma seqüência lógica
“estranho...nunca escutei a chuva assim”
Seu som sempre trouxe tristeza e sofrimento

Mas agora parece doce como mel
Minha doce chuva que desce num compasso
O teu tilintar me lembra passos de frevo
Suas notas ressam
Fortalecem minha alma

Agora diminui o intenso ritmo
Uma melodia calma parece seresta
Tão linda como o alvorecer do dia

Me arranca dos lábios um sorriso

“...de quem aprendeu a te ouvir.”

A ESPERA

As horas passam incansáveis
Meus desejos se tornam instáveis
Agora o semblante fica rígido
Algo importante fora esquecido

Calmamente procuro nos cantos
Ninguém conhecido causa espanto
Ansiedade apodera-se de meus pensamentos
E o medo da cair no esquecimento

Sozinho em meio a uma multidão]Calculo
As horas sem nenhuma noção
Era um grande e esperado encontro
Se tomou
Um amargo desencontro

TÓPICOS QUE SERVIRAM DE FUNDAMENTO PARA A COLETA DE DADOS DE HISTÓRIAS DE VIDA

A ORIGEM

- Local de origem
- Educação na infância e na juventude
- Divisão de tarefas e papéis na família
- Pai, mãe e irmão
- Percepção do ambiente familiar de origem
- Percepção de seu papel na família de origem
- Religiosidade e crenças da família de origem
- Enredo de vida fora da família de origem

A ATUAL SITUAÇÃO DE VIDA

- Percepção do ambiente familiar
- Percepção de seu papel na família
- Religiosidade e crenças da família
- Percepção de seu papel na sociedade
- Percepção de sua responsabilidade com o futuro dos filhos
- Percepção de sua responsabilidade com o futuro do país
- Percepção de sua responsabilidade com os operários

TRABALHO

- Quanto tempo de construção civil?
- Outros empregos?
- Amizade no canteiro
- Relação com os operários de forma geral nessa indústria
- Reflexão sobre o perigo de acidente
- Percepção sobre a realidade do trabalho na construção civil.
- Desejos como trabalhador da construção civil.
- Desejos como trabalhador (sonho de trabalho)
- Relação trabalho / família (conversa sobre o trabalho em casa?)
- Breve relato de obras em que trabalhou

PROGRAMA MESTRES DA OBRA (MO)

- Percepção sobre o Programa MO
- Conversa com os companheiros sobre o MO?
- Canteiro de obras com MO e canteiro sem MO
- Relação MO / família (conversa sobre o MO em casa?)
- Reflexão sobre o futuro da construção civil em especial sobre a mão de obra e as condições de trabalho